

Zeitschrift: Revue de linguistique romane
Herausgeber: Société de Linguistique Romane
Band: 81 (2017)
Heft: 323-324

Artikel: Regionalismos madeirenses : estudo lexicológico da variação dialetal e sociolinguística na ilha da Madeira
Autor: Nunes, Naidea
DOI: <https://doi.org/10.5169/seals-842271>

Nutzungsbedingungen

Die ETH-Bibliothek ist die Anbieterin der digitalisierten Zeitschriften auf E-Periodica. Sie besitzt keine Urheberrechte an den Zeitschriften und ist nicht verantwortlich für deren Inhalte. Die Rechte liegen in der Regel bei den Herausgebern beziehungsweise den externen Rechteinhabern. Das Veröffentlichen von Bildern in Print- und Online-Publikationen sowie auf Social Media-Kanälen oder Webseiten ist nur mit vorheriger Genehmigung der Rechteinhaber erlaubt. [Mehr erfahren](#)

Conditions d'utilisation

L'ETH Library est le fournisseur des revues numérisées. Elle ne détient aucun droit d'auteur sur les revues et n'est pas responsable de leur contenu. En règle générale, les droits sont détenus par les éditeurs ou les détenteurs de droits externes. La reproduction d'images dans des publications imprimées ou en ligne ainsi que sur des canaux de médias sociaux ou des sites web n'est autorisée qu'avec l'accord préalable des détenteurs des droits. [En savoir plus](#)

Terms of use

The ETH Library is the provider of the digitised journals. It does not own any copyrights to the journals and is not responsible for their content. The rights usually lie with the publishers or the external rights holders. Publishing images in print and online publications, as well as on social media channels or websites, is only permitted with the prior consent of the rights holders. [Find out more](#)

Download PDF: 18.04.2026

ETH-Bibliothek Zürich, E-Periodica, <https://www.e-periodica.ch>

Regionalismos madeirenses: estudo lexicológico da variação dialetal e sociolinguística na ilha da Madeira

Texto dedicado ao Professor Doutor Ivo Castro

Neste artigo, apresentamos os resultados de inquéritos semântico-lexicais aplicados junto da população da cidade do Funchal e de áreas rurais da ilha da Madeira (Portugal), para aferir o (re)conhecimento e uso de alguns regionalismos madeirenses. O principal objetivo deste estudo é observar a vitalidade deste léxico diferencial enquanto património linguístico e cultural com valor identitário da sociedade madeirense. Para isso, comparamos os dados recolhidos nas diferentes localidades, tendo em conta o fator geográfico (rural vs. urbano), mas também descrevemos os resultados obtidos do ponto de vista dos fatores de variação sociocultural: sexo/género, idade e escolaridade (geralmente associada ao nível socioeconómico da população).

O estudo do léxico diferencial de uma região contribui para um melhor conhecimento da lexicologia histórica e, conseqüentemente, da História da Língua Portuguesa, permitindo compreender melhor a formação do Português regional e a mudança linguística histórica e atual. Muitos regionalismos madeirenses são resultado do conservadorismo de léxico do Português antigo (arcaísmos), mas também existem neologismos regionais (lexicais e semânticos), como podemos verificar através do registo e identificação de novos vocábulos ou significados nas respostas aos inquéritos realizados.

Deste modo, pretendemos observar a importância do fator dialetal, que pode ser bastante relevante, sobretudo no caso das palavras mais antigas, conservadas nas áreas mais isoladas ou rurais, por oposição aos vocábulos mais comuns ou correntes, usados na cidade do Funchal, capital do Arquipélago da Madeira, apresentando, por isso, maior prestígio social. De igual modo, podemos aferir até que ponto os fatores de variação sociocultural se revelam marcantes, no que diz respeito às diferenças lexicais e semânticas, no (re)conhecimento do vocabulário, entre os falantes dos dois géneros, das várias faixas etárias e níveis de escolaridade, sobretudo nos meios rurais, mas também na área urbana.

1. Enquadramento teórico

Utilizámos os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia e da Sociolinguística Variacionista como modelos de recolha e análise dos materiais linguísticos no estudo da variação geográfica e social de alguns regionalismos madeirenses. Dentro do dialeto madeirense, há uma variedade culta regional falada na cidade do Funchal e nos restantes concelhos rurais temos uma variedade regional mais popular. Até que ponto esta realidade linguística, a existir, se reflete no (re)conhecimento e uso dos regionalismos madeirenses e estes tenderão a ser mais usados nas zonas rurais mais isoladas e consequentemente mais conservadoras?

No âmbito da Sociolinguística Variacionista, o estudo da variação é central como realidade inerente à própria heterogeneidade da língua, dado que esta varia não só no tempo e no espaço, mas também na sociedade, variação que pode conduzir à mudança linguística. Por isso, um dos principais objetivos da Sociolinguística laboviana é compreender o mecanismo social da mudança linguística, daí também ser conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Labov escreve: «The problem of explaining language change seems to resolve itself into three separate problems: the origin of linguistic variations; the spread and propagation of linguistic changes; and the regularity of linguistic change. The model which underlies this three-way division, requires us a starting point a variation in one or several words in the speech of one or two individuals.» (1972, 1), mostrando que a mudança linguística é inseparável da comunidade de fala.

Os estudos de variação geográfica no uso dos regionalismos, juntamente com a estratificação social da amostra dos informantes, fornecem-nos dados comparáveis das diferentes comunidades de fala sobre as variantes lexicais e semânticas regionais (Nunes 2014). Assim, podemos observar se as mulheres conhecem e usam mais os regionalismos do que os homens; se os inquiridos menos escolarizados conhecem e usam mais os regionalismos do que os mais escolarizados e se os informantes mais velhos conhecem e usam mais os regionalismos do que os mais jovens. Se esta última hipótese for confirmada, estaremos perante um processo de mudança linguística em que as novas gerações tenderão a deixar de (re)conhecer e usar os vocábulos marcados como regionais, por serem sentidos como arcaísmos ou rusticismos, logo sem prestígio social. Daí a importância de combinar o estudo social da variação linguística com o estudo geográfico (rural vs. urbano).

Posto isto, o aspeto mais inovador deste trabalho de investigação resulta do facto de aplicarmos ao léxico regional a perspetiva de análise dialetal juntamente com a da sociolinguística variacionista, reunindo e comparando

dados qualitativos semântico-lexicais, mas também resultados quantitativos da variação local e social no uso dos regionalismos madeirenses. Este estudo permite também classificar as palavras de acordo com a sua origem, o seu conhecimento e uso por parte dos falantes, em arcaísmos (vocábulos do Português antigo conservados na Madeira e que tendem a cair em desuso, como é o caso de *ferrolho* “jogo de rapazes”), populismos (vocábulos usados essencialmente pela camada popular ou menos escolarizada da população, por exemplo *fornicoque* “ataque de nervos”), empréstimos regionais (por exemplo, *semilha*, “batata”, do castelhano *semilla*), neologismos regionais (termos formados no próprio Arquipélago da Madeira, geralmente associados à realidade geográfica, etnográfica e sociocultural regional, por exemplo *corsa*, *carro do Monte* ou *carro de cesto* “transporte de arrasto rudimentar sem rodas”, usado para transportar turistas do Monte para o Funchal) e regionalismos comuns ou usuais (termos usados em todo o arquipélago, nas áreas rurais mas também na cidade do Funchal, por exemplo *olho-de-boi* “lanterna”).

2. Metodologia de trabalho

Começámos por fazer uma recolha de prospeção junto de homens e mulheres idosos, pedindo-lhes para falarem sobre as suas memórias de infância e juventude. Depois, confrontámos o vocabulário recolhido de cariz regionalista, por estar relacionado com a realidade sociocultural e etnográfica madeirense, com dicionários da Língua Portuguesa, vocabulários madeirenses e de outras regiões de Portugal, para determinar quais as palavras que eram verdadeiros regionalismos madeirenses, ou seja, vocábulos que só existem na Madeira (regionalismos lexemáticos) e vocábulos que, embora ocorram no Português padrão ou noutras regiões do país, têm um significado específico na ilha (regionalismos semânticos). Também distinguimos o léxico diferencial do Português popular, ou seja, das variantes populares que são alterações fonéticas do Português de referência que se podem encontrar em várias regiões do país, por exemplo *baga* por *vaga* e *prantar* por *plantar*.

Com os verdadeiros regionalismos madeirenses, construímos um questionário semasiológico, isto é, semântico-lexical, constituído por 26 vocábulos resultantes da recolha de prospeção, em que listámos o vocabulário para recolher a sua significação. Posteriormente, os inquéritos foram realizados junto da população jovem, adulta e idosa em várias localidades da ilha da Madeira, na cidade do Funchal e nas áreas rurais, durante o mês de novembro de 2015. O questionário, além do inquérito lexical propriamente dito, continha uma primeira parte identificativa dos informantes, nomeadamente sexo,

idade, escolaridade, naturalidade, local de residência e de trabalho, profissão e contactos linguísticos.

Servimo-nos dos habituais critérios de seleção dos informantes naturais dos diferentes concelhos da ilha da Madeira, com poucos ou nenhuns contactos linguísticos com outras áreas geográficas, e do método de estabelecimento de uma rede de pontos de inquérito dialetológico. A amostra é constituída por 42 informantes, apresentando 6 inquiridos para cada um dos 7 pontos de inquérito: Funchal (F, Monte), Câmara de Lobos (CL, Estreito de Câmara de Lobos), Ponta do Sol (PS, Canhas), Santa Cruz (SC, Camacha), Machico (M, Porto da Cruz), Santana (S, S. Jorge) e São Vicente (SV, Sítio do Passo).

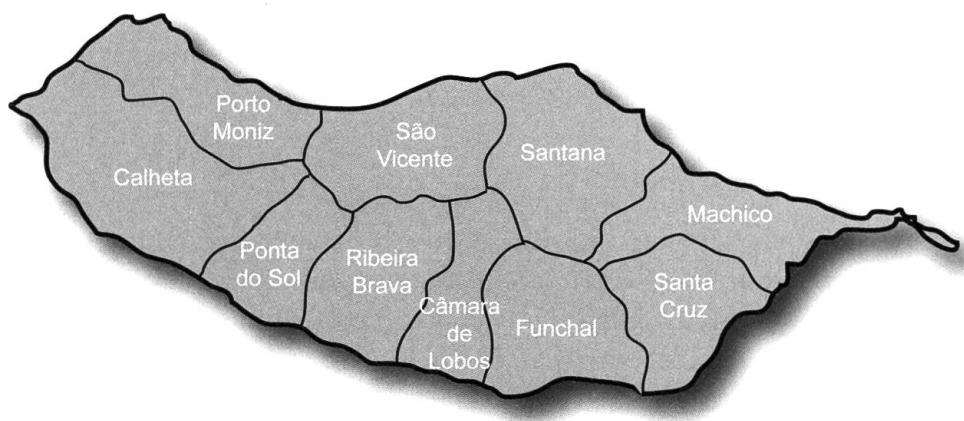


Imagem 1: Mapa da ilha da Madeira (Portugal)

Como podemos ver, este estudo não engloba todos os concelhos da ilha, tendo ficado de fora a Ribeira Brava, a Calheta e o Porto Moniz, assim como o concelho da ilha do Porto Santo. A aplicação do inquérito teve em conta as diversas células estratificadas da sociedade. Em cada localidade ou concelho, contemplámos inquiridos dos dois sexos (M: Mulheres e H: Homens), das faixas etárias dos 18 aos 35 anos (inf. 1 M e inf. 2 H), dos 36 aos 55 anos (inf. 3 M e inf. 4 H) e dos 56 aos 75 anos (inf. 5 M e inf. 6 H), e dos três níveis de escolaridade ou ensino (superior: inf. 1 e 2, secundário: inf. 3 e 4 e básico: inf. 5 e 6). Embora seja possível estudar separadamente o critério da idade e o critério do nível de estudos, por uma questão de amostragem, tivemos de limitar os dados aqui analisados.

3. Glossário de regionalismos madeirenses

No glossário, apresentamos vários tipos de dados. Além das fontes orais, com as aceções e as ocorrências de uso fornecidas pelos informantes (documentação de primeira mão), apresentamos também informações enciclopédicas, documentação textual ou filológica e de fontes lexicográficas (documentação de segunda mão). A esta diversidade de dados junta-se ainda a competência da autora como conhecedora da norma rural e popular da região e como representante da norma culta desta variedade dialetal. Deste modo, os artigos do glossário apresentam a seguinte micro-estrutura:

- **lemas** do vocabulário regional testado no questionário semasiológico de regionalismos madeirenses, em forma de glossário, por ordem alfabética, seguidos da categoria gramatical.
- **marcas de uso** (familiar, popular, usual, antigo e/ou rural), embora, por vezes, esta classificação possa ser discutível.
- **aceção principal com exemplos contextuais de ocorrência** dos vocábulos, quando utilizados pelos informantes (com o respetivo número de identificação), e indicação da sua localização nos concelhos da ilha da Madeira.
- **outras aceções**, devidamente numeradas, sempre que existentes, com indicação do respetivo processo de extensão semântica (por metáfora, metonímia, emprego figurado, generalização ou especificação), no caso dos regionalismos semânticos madeirenses, e os respetivos exemplos contextuais de ocorrência ou exemplos de uso.
- **observações (Obs.) formais**, sempre que pertinentes, sobre variantes gráficas e fonéticas das palavras, bem como sinónimos, e **diferenciais** sobre as relações dos regionalismos madeirenses com o Português de referência – se a mesma forma existe no léxico standard e com que sentido, se esse significado também é conhecido na variedade madeirense, como se exprime a aceção regional na norma padrão e se essa forma também é usada na Madeira.
- **quadro indicativo da frequência / vitalidade** dos vocábulos por concelhos, com percentagens da totalidade do conhecimento (significados) e do uso (exemplos de ocorrência), mencionando entre parênteses a identificação dos informantes que conhecem, utilizam e desconhecem os vocábulos e indicando quando as aceções fornecidas são iguais ou diferentes das já documentadas para este léxico diferencial.
- **rubrica enciclopédica**, sempre que necessário, por se tratar de um estudo de lexicografia diferencial ou regional, com referentes culturais desconhecidos na realidade nacional, como é o caso de *charola* e de *corsa*, recorrendo a **documentação textual ou filológica** de várias origens.
- **comentário histórico-comparativo (Com.)**, tendo como fonte etimológica e histórica o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss)*, por ser o mais completo a nível etimológico, diacrónico e sincrónico, compreendendo palavras e aceções do Brasil; inclui uma **secção dedicada à extensão geográfica do vocábulo (Ext.)**, com informações sobre a sua ocorrência e respetivas aceções em outras regiões de Portugal, no Brasil, na Galiza e nas Canárias.

- **referência a obras lexicográficas** da Língua Portuguesa e a vocabulários e glossários madeirenses, por ordem cronológica, com **indicação de formas derivadas e compostas** em itálico, quando existem, denotando a produtividade e a vitalidade contemporânea das unidades lexicais, e **remissões** para outros lemas relacionados, indicados em maiúsculas pequenas e introduzidos por ‘Ver’.

As obras lexicográficas consultadas do Português de referência, além do *Houaiss*, são: o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (o primeiro a documentar regionalismos madeirenses), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC) e o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Priberam)*, em linha, com informações sobre o Português do Brasil. Quanto aos dicionários, vocabulários e glossários regionais, mencionamos: o *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* (DRA) de Leite de Vasconcelos (disponibilizado em linha pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, apenas até a letra *p*), o *Dicionário dos falares de Trás-os-Montes* (Barros 2002), o *Dicionário de falares do Alentejo* (Barros 2005) e o *Dicionário de falares dos Açores* (Barcelos 2008). No que diz respeito aos vocabulários madeirenses e listagens de vocábulos regionais, consultámos: Soares (1914), Ribeiro (1929), Santos (1945-1947), Silva (1950), Sousa (1950), Pereira (1951-1952), Pestana (1970), Caldeira (1961/1993), Silva (1985/2013) e Barcelos (2016). Incluímos também, por ordem cronológica, as definições dos vocábulos apresentadas em glossários de antigas dissertações de licenciatura, realizadas na Universidade de Lisboa, sob coordenação do Professor Lindley Cintra, nomeadamente Macedo (1939), Rezende (1961) e Nunes (1965), bem como de teses de mestrado e de doutoramento realizadas na Universidade da Madeira, designadamente Figueiredo (2004/2011), Santos (2007), Santos (2013) e Teixeira (2015).

Também confrontámos os vocábulos estudados com o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP), do Instituto da Língua Galega, que inclui léxico dialetal do Galego, do Português de Portugal (continental, Madeira e Açores) e do Português do Brasil. De forma a enriquecer ainda mais esta pesquisa regional madeirense, incluímos referências ao vocabulário das Canárias, nomeadamente através da consulta do *Diccionario Historico del Español de Canarias* (DHECan), por ser o mais completo e atual, tanto a nível diacrónico como sincrónico. A inclusão das Canárias neste estudo deve-se às relações históricas, geográficas e linguísticas muito próximas entre os dois arquipélagos, pertencentes respetivamente a Portugal e a Espanha.

APASTORAR(-SE) v. RURAL/ANTIGO **1.** arranjar (alguma coisa); arrumar (alguma coisa). «Já apastorou a casa? Vamos apastorar a casa? Já apastorei a minha casa» (3, F). «Vou apastorar a casa» (1 e 4, SV); «Vou apastorar a cozinha» (2, SV).

2. vestir-se, arranjar-se (por metonímia). «Aquela pequena está se apastorando?» (6, F). «Vou apastorar-me para ir à missa» (3, CL); «Ele tá bem apastorado» (5, CL); «Para ir à missa é preciso estar apastorado» (6, CL). «É preciso se apastorar para ir para a escola e para ir à missa» (5, S); «Vou-me apastorar» (6, S). «Vou-me apastorar para ir à cidade do Funchal» (3 e 6, SV); «Vou-me apastorar para ir à farmácia» (5, SV).

3. vestir a roupa da missa (por especificação). «Apastora-te, se não vais chegar atrasado à missa» (2, S).

4. descansar, deitar-se (por metáfora). «Vais apastorar aí?» (3, SC).

5. deixar repousar (a comida) (por metáfora). «Deixa apastorar a massa» (1, F); «Deixa o queijo apastorar» (2, F); «Deixa a comida apastorar» (5, F).

Obs. No Português de referência, o vocábulo correspondente é *preparar(-se)* que também é utilizado na Madeira, o que denota que as variedades regionais e populares do Português falado são muito mais ricas em termos expressivos do que o Português padrão. Neste caso, *apastorar(-se)*, enquanto variante popular de *pastor(e)ar* o gado, por metáfora, terá ganhado o significado de «preparar a casa» e de «preparar-se» ou «vestir-se», e a partir desta aceção terão surgido outras por especificação e por metáfora.

O número elevado no conhecimento e uso do vocábulo no Funchal deve-se, provavelmente, ao facto de muitos dos seus habitantes terem origem ou ascendência rural, dos diferentes concelhos da ilha, e manterem contacto com familiares nessas áreas geográficas, bem como devido aos inquiridos serem residentes em áreas mais afastadas do centro da cidade, até há bem pouco tempo zonas rurais.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	2 (3 e 6)	3 (3, 5, 6)	0	0	0	3 (2, 5, 6)	6	14	33%
diferente	3 (1, 2, 5)	0	0	1 (3)	0	0	0	4	10%
utilizado	5 (1-3,5-6)	3 (3, 5, 6)	0	1 (3)	0	3 (2, 5, 6)	6	18	43%
conhecido	5 (1-3,5-6)	3 (3, 5, 6)	0	1 (3)	0	3 (2, 5, 6)	6	18	43%
desconhecido	1 (4)	3 (1, 2, 4)	6	5 (1,2,4-6)	6	3 (1, 3, 4)	0	24	57%

Verbo que terá sido formado de *pastor* porque, em tempos mais antigos, havia o hábito de vestir as crianças de pastores para acompanharem as procissões, sendo «natural que daqui se formasse o verbo *apastorar*, significando, primitivamente, “vestir de pastor” e, depois, por extensão de ideias a palavra talvez passasse ao significado que hoje tem» (Macedo 1939, 31-32), sendo muito usado no Norte da ilha da Madeira.

Com. No *Houaiss*, *apastorar* é *pastorar*, de *(a)pastor* + *-ar*. **Ext.** Cf. Açores *apas-torar* “apascentar, pastorear” (Barcelos 2008). No TLPGP, *apastorar-se*, «vestir-se bem», com referência a Macedo (1939, 31-32) e Nunes (1965, 143), sendo exclusivo da Madeira.

Em Figueiredo (1996) é variante de *pastorar* e no Priberam é sinónimo de *pastorear*. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «preparar(-se), arranjar(-se), adornar,

pôr a casa em ordem, cuidar de» (Soares 1914; Macedo 1939; Sousa 1950; Silva 1950; Pereira 1951-1952, 197, informa que este verbo «é desconhecido nos centros piscatórios»; Pestana 1970; Caldeira 1961/1993; Silva 1985/2013; Figueiredo 2004/2011; Barcelos 2016, 69), daí o adjetivo ‘apastorado’, «aquele que se apresenta muito bem trajado».

APILHAGEM *n.f.* FAMILIAR **1.** jogo da apanhada cujo objetivo é apanhar os restantes jogadores. «Vamos jogar à apilhagem» (1, 3 e 4, F); «Vamos brincar à apilhagem» (2, 3 e 5, F); «Jogar à apilhagem» (4, F); «Gostava de brincar à apilhagem» (6, F); «Vamos brincar à apilhagem» (1 e 2, CL); «Vamos jogar à apilhagem (o jogo das *apanhadas*)» (3, 4, 5 e 6, CL); «Jogar à apilhagem» (3, PS); «Vamos jogar à apilhagem» (1, SC); «Brincar à apilhagem» (2, SC); «Jogar à apilhagem» (5, SC); «Vamos brincar à apilhagem ou à *mana apilhar*» (1, 2, 3 e 4, M); «Vamos jogar à apilhagem ou à *mana apilhar*» (5, M); «Eles estão a brincar à apilhagem, à *mana apilhar*» (6, M); «Vamos jogar à apilhagem?» (4, SV).

Obs. Em Câmara de Lobos, um dos informantes referiu como sinónimo de *apilhagem* o jogo das *apanhadas*, com a forma plural em vez de *apanhada*. Em Machico, todos os informantes mencionaram o sinónimo *mana apilhar*, por ser a forma mais utilizada no concelho. Existem ainda outros sinónimos, pois, na Madeira, o jogo também é denominado *apilhada*, *apilha*, *apanhada(s)*, *punhada*, *peluda* e *rolha*, como podemos ver em Santos (2013, 64). O vocábulo correspondente no Português padrão ou standard é *apanhada*, termo que também é conhecido e usado na Madeira, enquanto a denominação regional *apilhagem* não é usada nas outras regiões do país com esta aceção lúdica.

Trata-se de um termo usual, com 100% de conhecimento do seu significado, embora a percentagem de uso seja inferior (55%), não apresentando variação semântica.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	6	6	6	6	42	100%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
utilizado	6	6	1 (3)	3 (1, 2, 5)	6	0	1 (4)	23	55%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Com. No Houaiss, *pilhagem* “roubo, saque”, de *pilhar* + *-agem*, que, com prótese do *a-*, terá originado a forma *apilhagem*, nome do jogo de fugir e apanhar, que poderá dever-se à memória histórica dos ataques de corsários à Madeira, em que a palavra *pilhagem* adquiriu a forma popular de *apilhagem* ou *apilhage*. **Ext.** No TLPGP, “jogo da apanhada”, remetendo para Nunes (1965, 152).

Em Figueiredo (1996), *pilhagem* “ato ou efeito de pilhar” e “aquilo que se pilhou”, não averbando *apilhagem*. No Priberam, regionalismo madeirense, sinónimo de *apanhada*. Nos vocabulários e glossários madeirenses encontramos a forma popular *apilhage* “jogo infantil” (Nunes 1965, 152). Ver APILHAR.

APILHAR v. FAMILIAR **1.** apanhar, agarrar, alcançar (alguém). «Vou-te apilhar» (1 e 6, F); «Já te apilho» (4, F); «Vou-te apilhar» (3, SC); «Vou apilhar uma galinha» (5, SC); «Vou-te apilhar» (1 e 6, Santana); «Apilha aquele ladrão» (2, S); «Antigamente, brincava-se muito ao jogo de apilhar» (5, S); «Vou apilhar a minha tia porque tenho algo a dizer-lhe» (2, SV); «Vamos apilhar a nossa amiga» (3, SV).

2. roubar. «Vou apilhar as laranjas do vizinho» (5, SV); «Vou apilhar fruta» (6, SV).

Obs. No Português standard são utilizadas as palavras *agarrar*, *tocar* ou *alcançar* e *apanhar*. Estes vocábulos coexistem com o termo *apilhar* na ilha da Madeira, não ocorrendo na norma padrão com o significado regional. Na segunda aceção, *apilhar* é uma variante popular de *pilhar*, apresentando o significado de referência “roubar”.

Termo muito conhecido, com 95% de (re)conhecimento e quase total ausência de variação semântica, sendo que apenas em S. Vicente registámos uma aceção diferente correspondente ao significado padrão, indicado pelos inquiridos mais idosos. Quanto à frequência e percentagem de vitalidade do vocábulo, o resultado foi 31% de uso.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	6	6	6	6	6	6	4 (1-4)	40 95%
diferente	0	0	0	0	0	0	2 (5, 6)	2 5%
utilizado	3 (1, 4, 6)	0	0	2 (3, 5)	0	4 (1,2,5,6)	4 (2,3,5,6)	13 31%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0 0%

Com. De *a-* + *pilhar*, com prótese da vogal, “deitar mãos a; agarrar, pegar” (Houaiss).
Ext. Cf. Alentejo *apilhar* “acostumar um animal a um certo sítio” (Barros 2005). No TLPGP, «apanhar» em Idanha-a-Nova e «atirar pedras a alguém» (Buescu 1961, 357), no Faial (Açores).

Em Figueiredo (1996), *apilhar* é variante de *pilhar*, indicado como regionalismo, sem identificar a região ou regiões onde ocorre, com as aceções de “fazer saque, furtar”, “encontrar, surpreender”, mas também “apanhar, agarrar”. No Priberam, *apilhar* (para jogo) é regionalismo madeirense, “apanhar (alguém) no jogo da apanhada ou da apilhagem”. Nos vocabulários e glossários regionais madeirenses, “alcançar, agarrar, apanhar, correr ao alcance de alguém, deitar a mão a, atracar” (Soares 1914; Macedo 1939, 32; Santos 1945, vol. III, nº 37, 63; Silva 1950; Santos 2013, 64). Em Barcelos (2016, 69), “alcançar, apanhar, encontrar”, não averbando a forma nominal *apilhagem*. Ver APILHAGEM.

ARREJEIRA n.f. ANTIGO **1.** dispositivo colocado numa peça de roupa para prendê-la aos ombros. «Já puseste as arrejeiras nas calças? Não tens umas arrejeiras para pôr nessas calças. Põe-me umas arrejeiras nessas calças» (1, F); «Tenho uma saia com arrejeiras» (3, F); «Tens umas calças com arrejeiras, põe a arrejeira para não cair as calças» (4, F); «Ele usa as calças com arrejeiras. Anda aqui que eu vou-te abotoar as arrejeiras» (5, Funchal); «Segura as calças com as arrejeiras. Se não tiver arrejeira cai-te as calças» (6, F); «Põe a arrejeira direita que está caída» (5, CL); «As minhas calças têm umas arrejeiras» (3, PS); «Deixa-te ajeitar a arrejeira» (3, SC); «Põe umas

arrejeiras nas calças. Vou-te comprar umas arrejeiras para as calças» (6, M); «Tira essas arrejeiras que te fica mal» (3, SV).

2. beira (das calças). «Vira a arrejeira das calças» (3, M); «Vou fazer a arrejeira das calças» (4, SV).

3. pedaço de pau na parede, para encaixar as ferramentas. Em Santana, sem ocorrências de uso.

Obs. Este vocábulo apresenta variação gráfica e fonética, nomeadamente as variantes: *arrejeira*, *arregeira* e *rijeira*, *regeira* (sem a prótese do *a-*), pelo facto de ser uma forma regional essencialmente do registo oral. No Português de referência o termo correspondente é *suspensórios*. A segunda aceção de “beira das calças” terá surgido através de um processo analógico de metonímia, enquanto a terceira, registada apenas em Santana (mais especificamente em S. Jorge), sem correspondente conhecido na norma padrão, poderá ter surgido por metáfora.

O número elevado de conhecimento e uso do vocábulo no Funchal deve-se, provavelmente, ao facto de muitos dos seus habitantes terem origem rural, dos diferentes concelhos da ilha, e manterem contacto com familiares nessas áreas geográficas, bem como devido aos inquiridos serem residentes nas zonas mais afastadas do centro da cidade.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	5 (1,3,4-6)	5 (1,3-6)	2 (3, 4)	3 (3, 5, 6)	3 (1,5,6)	2 (3, 4)	1 (3)	21 49,5%
diferente	0	0	0	0	1 (3)	2 (5, 6)	1 (4)	4 9,5%
utilizado	5 (1,3,4-6)	1 (5)	1 (3)	1 (3)	2 (3, 6)	0	2 (3, 4)	12 29%
desconhecido	1 (2)	1 (2)	4 (1,2,5,6)	3 (1, 2, 4)	2 (2, 4)	2 (1, 2)	4 (1,2,5,6)	17 41%

Com. De *rij-*, «elemento do adjetivo latino RIGIDUS,A,UM “duro, rijo, especialmente pelo frio”, em vulgarismos documentados desde as origens da língua» (Houaiss). Entre muitos exemplos, encontramos o vocábulo *rijeira*, mas o dicionário não indica o seu significado, nem regista a palavra como entrada lexical. **Ext.** No TLPGP, «rejeiras, suspensórios, Macedo 1939, 70», exclusivo da Madeira.

Em Figueredo (1996), *regeira*, termo da náutica, mas também “corda que o lavrador dirige aos bois na lavoira ou quando apostos ao carro”, que poderá estar na origem da forma *rejeiras* ou *arrejeiras* da roupa, por analogia. No Priberam, *rijeira*, termo técnico da marinha, estando de acordo com a possibilidade avançada por Sousa (1950, 120). Nos vocabulários e glossários madeirenses, *regeiras*, *rigeiras*, *rijeiras*, *rejeiras*, com a aceção de “suspensórios, alças que as crianças usam para segurar as calças, presilha no vestuário” (Macedo 1939, 70; Santos 1947, vol. XI, nº 52, 178; Silva 1950, 127; Sousa 1950; Pereira 1951-1952, 256; Nunes 1965, 158; Pestana 1970, 113). Santos (2007, 371) averba *arrijeiras* como forma popular de *rijeiras*.

BABOSEIRA *n.f.* FAMILIAR **1.** excesso de condescendência revelada no comportamento sobretudo das crianças. «É só baboseira. Deixa-te de baboseira e vai fazer o que te pedi» (1, F); «Tens muita baboseira» (2, F); «Tens mas é baboseira» (3, F); «Tu tens é baboseira. Deixa-te de baboseiras» (4, F); «Ele está perdido de baboseira» (5, F); «Tens baboseira» (6, F); «Essa criança tem muita baboseira» (2, CL); «O teu pai dá-te muita baboseira» (5, CL); «Ele tem baboseira» (6, CL); «Aquela criança tem muita baboseira» (3, PS); «Aquela pessoa tem baboseira» (5, PS); «Essa criança tem muita baboseira» (1, SC); «É só ***baboseirada***» (2, SC); «Tás cheio de baboseira» (3, SC); «Deixa-te de ***baboseiradas***» (4, SC); «Deixa-te de baboseira» (5, SC); «Ca baboseira!» (1, M); «O pequeno tem muita baboseira» (2, M); «Tens a baboseira toda» (3, M); «O cão tem muita baboseira» (4, M); «Tu queres é baboseira» (5, M); «Ele está doente, tem de ter baboseira» (6, M); «Para de dar tanta baboseira ao pequeno!» (2, S); «Ela tem baboseira a mais» (3, S); «Naquele tempo não havia condições para dar muita baboseira» (5, S); «Estás cheio de baboseira. Tens muita baboseira» (6, S); «Vou dar baboseira à minha filha» (1, SV); «Filha, és muito ***babosa***, qualquer coisa choras. Tu tens muita baboseira» (2, SV); «Tens muita baboseira, só te dou baboseira» (3, SV); «Queres é baboseira, tens uma grande baboseira» (4, SV); «Aquela criança está a chorar porque tem muita baboseira» (5, SV); «Tu gostas é de baboseira. Estou a dar muita baboseira ao meu neto» (6, SV).

Obs. Em Santa Cruz, registámos a forma ***baboseirada(s)***, em vez de *baboseira*, sendo que o sufixo *-ada(s)* torna o vocábulo ainda mais expressivo, intensificando o sentido exagerado dos mimos da pessoa ***babosa***, como documentado em S. Vicente. A ocorrência da forma derivada, assim como do adjetivo *babosa*, mostra bem a produtividade e, conseqüentemente, a vitalidade da palavra *baboseira*. Os termos correspondentes no Português de referência são *mimo* e *mimado*, que também são conhecidos na Madeira com as mesmas aceções, embora *baboseira* e *baboso* sejam muito mais expressivos a nível regional do que os vocábulos nacionais. As palavras *baboseira* e *baboso*, na norma padrão, significam respetivamente “sandice, tolice” e “parvo, tolo, lamecha”, não sendo usadas na ilha da Madeira com estas aceções.

Termo muito usual, com 100% de conhecimento e 76% de uso, não apresentando variação semântica, o que confirma a universalidade e unanimidade do vocábulo, em todas as localidades e por todos os estratos socioculturais da população.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	6	6	6	6	42	100%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
utilizado	6	3 (2, 5, 6)	2 (3, 5)	5 (1-5)	6	4 (2, 3, 5, 6)	6	32	76%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Com. De *baboso* + *-eira*, vocábulo com valor diferencial na Madeira não contemplado no Houaiss. **Ext.** No TLPGP, «baboseiras, pieguices, Rezende 1961, 272».

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «criancice, mimo demasiado» (Santos 1945, vol. VIII, nº 39, 145; Figueiredo 2004/2011; Teixeira 2015, 82). Em Barcelos (2016, 84), *baboso* «mimado, que chora por tudo e por nada», por analogia com a

planta denominada *babosa*. Macedo (1939, 35) menciona que se chama *babosa* à «pessoa que chora por tudo e por nada». Rezende (1961) documenta *baboseiras* como «pieguices» e *baboso* como «enlevado», mas sobretudo com o sentido de «piegas».

BRIGALHÓ *n.m.* RURAL **1.** tubérculo de uma planta da família do inhame, que tem de ser cozido durante 24 horas, para ser comestível. «Queres comer brigalhó?» (1 e 2, F); «O brigalhó demora a cozinhar» (3, F); «O brigalhó é bom de comer. Vamos cozer brigalhó para o jantar» (4, F); «Vou apanhar brigalhós. Deita brigalhó na sopa» (5, F); «Uma saca de brigalhó» (6, F); «Vamos comer brigalhó» (1, CL); «O brigalhó cozeu durante toda a noite» (3, CL); «O brigalhó tá cozido?» (4, CL); «O brigalhó é usado na comida do Curral das Freiras» (5, CL); «A festa do brigalhó é no Curral das Freiras, é a batata do Curral das Freiras» (6, CL); «No Curral das Freiras, cozem o brigalhó, é uma planta comestível» (3, M); «A casa do povo do Curral das Freiras faz a festa do brigalhó» (1, SV).

2. inhame pequeno (por metonímia de forma). «Comi brigalhó ao jantar» (4, M); «Cozi brigalhó e comi ao almoço» (6, M); «Vamos cozer o brigalhó» (3, SC).

3. flor denominada boca de jarro. «Vai buscar brigalhós para pôr na jarra» (1, M); «Brigalhó é uma flor bonita» (5, M).

4. novelo de linhas. Na Ponta do Sol, sem ocorrências de uso.

Obs. O termo *brigalhó* apresenta as variantes *bregalhó*, *birgalhó* e *bergalhó*. Será um termo exclusivo da Madeira, sem correspondente conhecido no Português standard.

O número elevado de conhecimento e uso do vocábulo no Funchal deve-se, provavelmente, à grande proximidade da freguesia do Curral das Freiras, onde se faz a festa do brigalhó.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	5 (1, 3-6)	0	4 (3-6)	3 (3, 4, 6)	0	2 (1-2)	20	47,5%
diferente	0	0	2 (4, 5)	0	2 (1, 5)	0	0	4	9,5%
utilizado	6	5 (1, 3-6)	0	1 (3)	5 (1, 3-6)	0	1 (1)	18	43%
desconhecido	0	1 (2)	4 (1-3, 6)	2 (1-2)	1 (2)	6	4 (3-6)	18	43%

Em Barcelos (2016, 117), *brigalhó* ou *birgalhó* «tubérculo de planta nascida espontaneamente», parecido com um inhame pequeno. No Curral das Freiras, onde abunda, todos os anos a Casa do Povo local faz uma mostra de *brigalhó*, que era a base da alimentação dos mais pobres, sendo, por isso, chamado *tubérculo dos pobres* ou *inhame dos pobres*.

Com. Este lema só ocorre no Priberam, que averba a forma *brigalhó* como regionalismo madeirense para denominar um “tubérculo semelhante ao inhame”.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «espécie de inhame não comestível e cultivado nos jardins» (Santos, 1945, vol. VIII, nº 39, 147), mas também *bregalhó* ou *bergaló* «lírio do vale» (Pereira 1951-1952, 205).

CARRETEIRA *n.f.* ANTIGO **1.** carreta de madeira para transporte de cargas ou paus de levar ao ombro para transportar leite, almoços, cebolas, peixe, etc. «Carreteira de fazer carretes ou serviços» (5, F); «Leva a carreteira para trazer lenha da serra» (6, F); «A carreteira era onde acartavam sementes, batatas, estrume, levado por dois homens» (3, CL); «A carreteira era feita de dois paus de levar às costas para carregar leite ou almoços» (4, CL).

2. pipa de vinho (por metáfora). «Uma carreteira era uma pipa de vinho» (5 e 6, CL).

3. ação de fazer as voltas da casa (por metonímia). «A carreteira da casa» (5, F); «A carreteira da casa» (5, S).

4. ação de fazer carretes ou serviços (por metonímia). «A carreteira já chegou para fazer o serviço? Podes fazer-me uma carreteira?» (6, S).

5. mulher que leva e traz informações (por metáfora). «Lá vem a carreteira com uma novidade» (3, SV).

6. carreta dos mortos (por metáfora). «A carreteira dos mortos» (2, S).

7. rodeira do carro que serve para caminhar pelo mato (por metonímia). «Traz a carreteira para caminhar no mato» (3, F).

8. empresa de transportes públicos (por generalização). «A carreteira tem autocarros novos» (2, F).

9. cabeça (por metáfora). «Não tens nada nessa carreteira» (3, SC).

Obs. A aceção original caiu em desuso porque o referente (o transporte de arrasto e num pau ao ombro) deixou de existir. As aceções de “pipa de vinho” e “rodeira de carro” parecem ser comuns a outras regiões de Portugal, onde existem os termos *carreta* e *carroça*. No que diz respeito à aceção de *carreteira* como “mulher que leva e traz novidades”, existem os seguintes sinónimos madeirenses: *bilhardeira* e *noveira*, no Português de referência ou standard *coscuvilheira*.

O número elevado de conhecimento e uso do vocábulo no Funchal deve-se, provavelmente, ao facto de muitos dos seus habitantes terem origem rural, dos diferentes concelhos da ilha. Este termo antigo e rural apresenta grande variação semântica, talvez porque o seu referente primitivo desapareceu, tendo originado novos significados.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	2 (5, 6)	3 (1, 3, 4)	0	0	0	0	0	5 12%
diferente	2 (3, 4)	2 (5, 6)	0	1 (3)	0	3 (2, 5, 6)	1 (3)	9 21%
utilizado	4 (3-6)	4 (3-6)	0	1 (3)	0	3 (2, 5, 6)	1 (3)	13 31%
desconhecido	2 (1-2)	1 (2)	6	5 (1,2,4-6)	6	3 (1, 3, 4)	5 (1,2,4-6)	28 67%

Com. Termo formado de *carreta* + *-eira*, com etimologia do Esp. *carretera* “caminho” (Houaiss), com várias aceções em diferentes regiões de Portugal continental e no Brasil. Parece tratar-se de um regionalismo semântico madeirense, por analogia com o caminho estreito entre o mato por onde as carretas ou carroças passavam, ganhando também a aceção de “bilhardeira” ou “noveira”, aquela que leva e traz novidades. Na Madeira, antigamente, tínhamos *carreteiros* e *carreteiras* que transportavam aos ombros e à cabeça, por exemplo, cadeiras de vimes da Camacha para vender no Funchal. **Ext.** Cf. Alentejo *carreteira* “caminho pequeno, o mesmo que *carreta*” (Barros 2005). No Minho, “pipa estreita e comprida” (Gonçalves, s.d.). No DRA, *carretêra* “caminho de carro” (Alentejo). V. TLPGP para as aceções alentejanas.

CARROLAÇO *n.m.* POPULAR **1.** pancada com a mão na parte de trás do pescoço, chamado ‘carrolo’. «Vou te dar um carrolaço na nuca, se não te calares» (1, F); «Vou dar-te uns carrolaços» (2, F); «Vou-te dar um carrolaço» (4, F); «Levas um carrolaço» (5, F); «Se não te pões quieto, vais levar uma *carrolada!*» (6, F); «Levas um carrolaço» (1 e 5, Câmara de Lobos); «Vais levar um carrolaço» (2, CL); «Ele deu-lhe um carrolaço» (6, CL); «Vou-te dar um carrolaço» (2, PS); «O pai deu um carrolaço no filho» (3, PS); «Vais levar um carrolaço» (1, SC); «Vou te dar um carrolaço» (2, SC); «Vais levar um carrolaço na cabeça!» (3, SC); «Põe-te quieto, senão comes um carrolaço» (6, SC); «Vais levar um carrolaço» (1, 5 e 6, M); «Levas uns carrolaços» (3, M); «Vou-te dar um carrolaço» (4, M); «Vais levar um carrolaço» (1, S); «Ele levou um carrolaço no pescoço» (4, S); «Se me atacarem, defendo-me com uns carrolaços» (5, S); «Vou-te dar um carrolaço» (6, S); «Vou-te dar um carrolaço» (1, SV); «Estás a fazer muito barulho, vou-te dar um carrolaço» (2, SV); «Leva-me à cidade, senão dou-te um carrolaço» (3, SV); «Vais levar um carrolaço» (4, SV); «Estás a comportar-te mal,avas um carrolaço» (5, SV).

2. pescoço (por metonímia). «Vais levar no carrolaço. Olha queavas no carrolaço» (3, F); «Ele tem um grande carrolaço» (5, F); «Levas uma bofetada no carrolaço» (4, CL).

3. chapada, soco (por generalização). «Vais levar um carrolaço nas ventas» (2, S); «Dou-te um carrolaço na cara» (6, SV).

Obs. No Funchal, na boca do informante masculino mais idoso, registámos a forma *carrolada*, que denota a produtividade e a vitalidade do termo, tendo como sinónimo, no Português de referência, o vocábulo *cachação*.

Trata-se de um termo usual, muito utilizado mesmo na cidade do Funchal, sendo que os dados quantitativos globais de conhecimento da aceção principal do vocábulo são 93% e de uso 78,5%. Apenas 3 inquiridos (7%) indicaram um significado diferente da palavra, com 0 (0%) de desconhecimento da mesma.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	4 (1,2,4,6)	5 (1-3,5,6)	6	6	6	6	6	39 93%
diferente	2 (3, 5)	1 (4)	0	0	0	0	0	3 7%

utilizado	6	5 (1,2,4-6)	2 (2-3)	4 (1-3, 6)	5 (1, 3-6)	5 (1-2,4-6)	6	33	78,5%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Com. De *carrolo* + *-aço* (forma derivada de *carolo* “cachaço”, alterado em *carrolo* ou *carroulo*). No Houaiss, *carolo*, termo da agricultura (o mesmo que *sabugo*), com uma segunda aceção de “pancada na cabeça com pau, vara ou com os nós dos dedos”, de *carola* (no sentido de “cabeça”). No DLPC, *carolo*, do lat. *CARYOLUM, diminutivo de CARYON, “noz, núcleo”. **Ext.** No TLPGP, «carrolaço, pancada na parte inferior do pescoço, Nunes 1965, 145», regionalismo lexical madeirense.

Em Figueiredo (1996), regionalismo da Madeira, o mesmo que *cachação*, remetendo para *carolo*. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «cachação, pancada dada no carrolo (*cachaço* “parte posterior do pescoço”) ou na cabeça» (Ribeiro 1929; Sousa 1950; Santos 1946, vol. IX, nº 41, 45; Silva 1950; Rezende 1961; Nunes 1965, 145; Pestana 1970; Caldeira 1961/1993; Figueiredo 2004/2011; Teixeira 2015, 84, também «pescoço gordo»; Barcelos 2016, 148).

CHAROLA *n.f.* RURAL **1.** armação de forma oval que é coberta de legumes e frutas e transportada num pau ao ombro por dois homens. «Esta charola é muito bonita» (1, F); «Leva a charola» (3, F); «No Caniço, fazem uma charola enorme com cebolas» (4, F); «Foram oferecidas muitas charolas à igreja, na festa deste ano» (5, F); «Traz a charola das sementes» (6, F); «A charola do Estreito de Câmara de Lobos é um barco de madeira ou ferro para levar bolos e produtos da terra, oferecido no Divino Espírito Santo» (3, CL); «Olha a charola (barco) que leva oferendas para a igreja» (4, CL); «Vamos ao bazar ver a charola com os produtos da terra» (5, CL); «As charolas (barcos de ferro) com frutos e bolos que os festeiros dão à igreja estão expostas na festa» (6, CL); «Nas festas populares, o povo oferece as charolas à igreja que são vendidas e o dinheiro é para a igreja» (3, PS); «Uma charola para as festas da paróquia» (5, PS); «Na Calheta, há a festa das charolas» (1, SC); «Olha a charola dos arraiais» (3, SC); «Ai como a charola tá bonita! Quem dá mais!» (4, SC); «Amanhã, na romagem, vou levar uma charola» (5, SC); «Mas que charola!» (6, SC); «Vi uma linda charola de flores» (1, M); «Este ano não houve charolas na festa» (3, M); «A feira do gado do Porto Moniz tem charolas» (4, M); «Esta charola está bonita, carregadinha de flores e fruta» (5, M); «Olha a charola de uvas» (6, M); «No mercado dos lavradores, existem algumas charolas expostas» (5, S); «A *charolada* na feira do gado do Porto Moniz estava muito bonita» (1, SV); «Vem compor a charola para a festa de São Vicente» (3, SV).

2. Arranjo com frutos (por metáfora). «Vou fazer uma charola para o Natal» (6, S).

3. algo volumoso, muita coisa (emprego figurado). Em Câmara de Lobos, sem ocorrências de uso.

4. sacho, enxada. «Vou *charolar* (sachar) as minhas alfaces» (5, SV).

Obs. Em S. Vicente, na boca da informante feminina adulta, encontramos a forma derivada por sufixação *charolada*, “conjunto de charolas”, revelando a produtividade e a vitalidade do termo. Em S. Vicente, o verbo *charolar* parece surgir por confusão com *sachar*. No Português standard, tem a aceção de *andor*, santos

transportados nas procissões religiosas, vocábulo usado na Madeira, distinguindo-se do referente designado *charola*.

O número elevado de conhecimento e uso do termo no Funchal deve-se, provavelmente, ao facto de muitos dos seus habitantes terem origem rural, dos diferentes concelhos da ilha, mas também devido à utilização cada vez mais frequente das charolas como elemento de decoração nas festas temáticas e etnográficas para residentes e turistas, no centro da cidade e nos hotéis.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	5 (1, 3-6)	5 (2-6)	2 (3, 5)	5 (1, 3-6)	6	1 (5)	2 (1,3)	26 62%
diferente	0	1 (1)	0	0	0	1 (6)	1 (5)	3 7%
utilizado	5 (1, 3-6)	4 (3-6)	2 (3, 5)	5 (1, 3-6)	5 (1, 3-6)	2 (5, 6)	3 (1, 3, 5)	26 62%
desconhecido	1 (2)	0	4 (1,2,5,6)	1 (2)	0	4 (1-4)	3 (2, 4, 6)	13 31%

Era uma das principais atrações populares dos arraiais religiosos, segundo o Visconde do Porto da Cruz (1934, 25), «As charolas e as promessas são números obrigatórios e de grande importância para avaliar a festa».

Com. Etimologia de origem duvidosa (Houaiss), com várias aceções regionais de Portugal continental, incluindo a da Madeira: «armação piramidal de arame ou vime, coberta de frutas e outras oferendas». **Ext.** No DRA, “nicho para um santo (Trás-os-Montes)”. Cf. Trás-os-Montes *charola* “profissão, carga de lenha” (Barros 2002). Cf. Alentejo “andor ou padiola onde se transportam pessoas ou santos” ou “enfeite floral que se coloca no alto dos mastros dos santos populares (Almodôvar)” (Barros 2005). Cf. Açores “buraco na parede, retocado com barro, onde se guardava antigamente o sal; falsa justificação, patranha” (Barcelos 2008). No TLPGP, «buraco na parede, retocado com barro onde guardavam, antigamente, o sal; grande chama, labareda; patranha; na Madeira, armação de madeira, coberta de frutos ou hortaliças. Nunes 1965, 155».

Em Figueiredo (1996) e no DLPC, regionalismo semântico da Madeira, “armação de arame, em forma de pinha, coberta de frutos, ovos, etc. que os ricos pelo Natal oferecem aos abades”. Nos vocabulários e glossários madeirenses, também «armação de madeira, vimes ou arame, em forma de pinha, coberta com frutos, legumes e diversos produtos, que o povo oferece à igreja da sua paróquia, para leilão pelo Natal, festas e romarias, levada por dois homens em ‘charola’» (Soares 1914; Santos 1946, vol. IX, nº 41, 46; Silva e Sousa 1950; Caldeira 1961/1993; Nunes 1965, 155; Figueiredo 2004/2011; Santos 2007; Teixeira 2015, 85, por extensão «cesto de fruta»; Barcelos 2016, 158). A denominação *charola* origina o nome da profissão de quem a faz, através da forma derivada *Charoleiro*.

CORSA n.f. RURAL 1. utensílio de madeira em forma de prancha sem rodas, usado para transportar cargas por arrasto, puxado por uma corda. «Esta corsa consegue levar

umas 4 caixas à vontade» (1, F); «A minha avó levava uma corsa de flores para vender no mercado» (3, F); «A corça ia carregada. Levavam cebolas para o mercado na corça» (4, F); «Corsões para carregar a lenha» (5, F); «A corça era puxada por bois» (1, CL); «Não te esqueças da corsa» (3, CL); «A corsa de madeira era usada para carregar material e era puxada por dois homens» (4, Câmara de Lobos); «A corsa de madeira era para transportar lenha, verduras e estrume» (5, CL); «A corsa era puxada por uma corda» (6, CL); «A corça traz a lenha da serra» (3, PS); «Vou trazer as batatas na corsa» (5, PS); «Havia um corção de acartar lenha» (6, PS); «Vais ir num carro de corsa, num carro de puxar» (3, SC); «Esta corsa está pesada» (4, SC); «Gostava de brincar de corsa na ladeira» (6, SC); «Acarta os molhos de erva na corça» (1, M); «Os meus avós iam buscar cargas de erva à serra na corça» (3, M); «Eu usava uma corsa para transportar cargas» (4, M); «Fui buscar uma corsa de lenha à serra» (5, M); «Eu trouxe um molho de mato na corsa» (6, M); «Vai buscar a corça» (1, S); «Quando era pequena, gostava muito de andar de corsa» (5, S); «Vou pôr a carga na corsa» (6, S); «Olha, aquele carro desliza muito rápido, parece uma corsa» (2, SV); «Esta corsa está cheia de mercadorias para as vendas» (3, SV).

2. carro puxado por bois (por metonímia). Em São Vicente, sem ocorrências de uso.

3. carro de cesto ou de vimes, utilizado para os turistas descerem do Monte para o Funchal. «Os estrangeiros vão de corsa» (6, F); «Olha a corsa a passar com turistas» (4, SV).

4. carro de madeira com duas rodas (por metonímia). «Apanha os folhades e põe na corça» (6, SV).

5. *ir de corça, parecer uma corça loc. verb.* andar rápido (empregos figurados). «Queres, vai de corsa!» (2, CL); «Estás a conduzir pareces uma corça!» (5, SV).

6. *ir de corsa loc. verb.* escorregar (emprego figurado). «Vais de corsa!» (3, S).

Obs. No Português de referência, a palavra correspondente é *zorra*, termo que não ocorre na Madeira. A variante *corça* é a forma gráfica mais antiga, registada na documentação escrita madeirense, surgindo depois a forma *corsa*.

Este termo antigo e rural apresenta grande variação de significado, sendo que a aceção mais antiga, com o desaparecimento do referente nas zonas rurais, originou os modernos empregos figurados.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	4 (1,3-5)	5 (1,3-6)	3 (3,5,6)	3 (3,4,6)	5 (1,3-6)	4 (1,4,5,6)	3 (1, 2, 3)	27 64%
diferente	1 (6)	1 (2)	0	0	0	1 (3)	3 (4, 5, 6)	6 14%
utilizado	5 (1,3-6)	6	3 (3,5,6)	3 (3,4,6)	5 (1,3-6)	5 (1, 3-6)	5 (2-6)	32 76%
desconhecido	1 (2)	0	3 (1,2,4)	3 (1,2,5)	1 (2)	1 (2)	0	9 21%

Transporte rudimentar de arrasto, feito de madeira e destinado ao transporte de carga, que era muito utilizado nos meios rurais, dadas as características orográficas da ilha da Madeira, para transportar mato e lenha da serra, descendo as encostas sem necessidade de sebo, como acontecia com os carros de bois no Funchal, que tinham um *boieiro* (que conduzia os animais) e um *candeeiro* (rapaz que passava o pano de sebo à frente da corsa para esta deslizar). Terá existido na Madeira desde os primeiros tempos do povoamento da ilha (dando-se este nome também ao *carro-de-cesto*), tal como nas Canárias (cf. Silva 1978 [1921]).

Com. No Houaiss, *corsa*, regionalismo madeirense, «veículo usado para transporte de passageiros, desprovido de rodas e puxado por homens ou animais, com etimologia de origem obscura, talvez forma regressiva de *cursar*, cf. it. *corso*». **Ext.** No TLPGP, «côrça, pequeno carro sem rodas puxado por uma corda, Nunes 1965, 120» e «corsa, prancha de madeira puxada por bois ou mulas para transportar cargas, substituindo as carroças do Continente, Macedo 1939, 55». O facto de o termo existir nos dois arquipélagos, da Madeira e das Canárias, reflete as relações históricas, linguísticas e culturais existentes entre estas duas regiões atlânticas. No Esp. can. *corza*, *corsa* (do Port. mad. *corça*) provavelmente deve o seu semantismo à língua portuguesa, cf. DHECan. Dolores Corbella (2016, 130-131) refere o termo *corsa*, que nos registos escritos aparece com dupla grafia, *corsa* e *corça*, como procedente, entre muitos outros vocábulos, do Português da Madeira, da forma *corça* e não como propõe o DRAE de *corso*, sendo um dialetalismo canário.

Em Figueiredo (1996), no DLPC e no Priberam, *corsa* e *corça* «espécie de veículo puxado por gente ou bois, em que se transportam mercadorias e pessoas» e *corsão* «corsa grande». Nos vocabulários e glossários madeirenses temos a mesma aceção, mas também «uma espécie de corsa de dimensões pequenas que as crianças utilizam para se arrastarem nos terreiros de suas casas ou nas ruas pouco movimentadas»; *corsão* «corsa grande para transportar lenha e para transporte de pessoas da freguesia da Camacha para o Funchal ou do Santo da Serra para Santa Cruz em dias festivos», e *corçada* «o que comporta a zorra, computa-se a corçada de lenha em 600 kgs» (Macedo 1939, 55; Santos 1946, vol. IX, nº 41, 47; Silva 1950; Silva e Sousa 1950; Caldeira 1961/1993; Nunes 1965, 120; Pestana 1970; Figueiredo 2004/2011, 106; Barcelos 2016, 173). Em Teixeira (2015, 86), também «algo que não se pode ter ou dar» e «cair de algum lugar». Esta última aceção pode estar associada à expressão *ir de corça* «escorregar ou cair».

EMBEIÇADO *adj.* POPULAR **1.** pessoa que não tem dinheiro nenhum. «Tás embeijado» (1, F); «Já fiquei embeijado» (2, F); «Andas embeijado» (3, F); «Ando embeijado» (4, F); «Este mês estou embeijada!» (5, F); «Já ando embeijado há tantos anos» (6, F); «Ele ficou embeijado!» (4, CL); «Aquele é um embeijado, nunca tem dinheiro para nada» (6, CL); «Tou embeijado, completamente teso!» (2, PS); «Já tou embeijada» (3, PS); «Ele era um tipo embeijado» (4, PS); «Olha, tou embeijada» (5, PS); «Estou embeijada!» (5, SC); «Estou embeijado!» (6, SC); «Aquele está embeijado, não tem nada que vista» (1, M); «Aquele embeijado não tem nada» (3, M); «Hoje tou embeijado» (4, M); «Ele é um embeijado, não tem nada» (5, Machico); «É uma família de embeijados!» (6, M); «Estou mais embeijado que um pedinte» (2, S); «Estás embeijado, não podes comprar nada?» (3, S); «Estou embeijada!» (5, S); «Nesta altura do ano, ando sempre embeijada!» (6, S); «O vizinho está embeijado» (1, SV);

«Olha, aquele imigrante veio embeijado» (2, SV); «Esta pessoa está embeijada, nem tem dinheiro para comprar pão» (3, SV); «Eu estou embeijado!» (4, SV); «Aquele emigrante veio embeijado» (6, SV).

2. triste, zangado, amuado, de beijas (emprego figurado). «Ele está embeijado, de beijas» (5, CL); «Tás para aí embeijada comigo!» (2, SC); «Estás embeijado (triste)?» (3, SC); «Oh rapaz, estás embeijado (amuado), porquê?» (4, SC); «O pequeno está embeijado (amuado)» (2, M); «Não fiques embeijado (amuado, chateado) que não te serve de nada!» (1, S); «A vizinha está embeijada (zangada) comigo por não ir andar a pé com ela» (5, SV).

Obs. Registámos a variante *imbeijado* e o sinónimo *espetado*, por metáfora. Standard *sem dinheiro*. O termo *embeijado*, no Português de referência, significa “apaixonado”, sendo também usado na Madeira com esta aceção, como podemos ver em Câmara de Lobos, onde os informantes mais jovens apenas conhecem o significado padrão, tal como acontece com a informante jovem da Ponta do Sol e de Santa Cruz, revelando desconhecimento da existência do regionalismo semântico madeirense.

Revelou ser um termo muito conhecido e usado no Funchal, provavelmente pelo facto de os inquiridos serem residentes em zonas mais afastadas do centro e muitos terem pais ou avós provenientes de áreas rurais, que migraram para a cidade.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	6	3 (3,4,6)	4 (2,3,4,5)	2 (5,6)	5 (1,3-6)	4 (2,3,5,6)	5 (1-4,6)	29 69%
diferente	0	1 (5)	1 (6)	3 (2,3,4)	1 (2)	1 (1)	1 (5)	8 19%
padrão	0	2 (1,2)	1 (1)	1 (1)	0	0	0	4 9,5%
utilizado	6	6	4 (2,3,4,5)	6	6	5 (1-3,5,6)	6	39 93%
desconhecido	0	0	0	0	0	1 (4)	0	1 2%

Com. No Houaiss, participio de *embeijar* com o significado padrão. **Ext.** No TLPGP, «embeijado, estar sem dinheiro nenhum, Nunes 1965, 146». Trata-se de um regionalismo semântico madeirense, por apresentar um significado específico na Madeira, provavelmente por extensão semântica.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «*imbeijado*, sem dinheiro, desgostoso, falta de recursos, tristonho» (Macedo 1939, 62; Silva 1950; Sousa 1950; Caldeira 1961/1993; Nunes 1965, 146). Em Teixeira (2015, 88), também «amuado» e «ser enganado por alguém» e, em Barcelos (2016, 194), «desgostoso, tristonho», por analogia.

ESTREME *adv.* ANTIGO **1.** diretamente em contacto (com algo). «Ele deitou-se estreme ao chão» (5, F); «Dormir estreme no chão» (6, F); «Está estreme na banca» (1, CL); «Tás sentada estreme no chão, sem nada para proteger do frio» (3, CL); «Põe uma almofada no rabo, para não ficares estreme no chão» (5, CL); «Ela tá sentada estreme

no chão» (6, CL); «Andas com os pés estreme no chão» (3, SC); «Vais te sentar nesse estreme (frio, sem nada)» (5, SC); «Sentou-se estreme na pedra» (1, M); «Estás estreme no chão, isso faz mal» (3, M); «Estreme na parede» (4, M); «Não te sentes estreme nesse chão frio» (5, M); «Tenho uma queimadura estreme na roupa» (6, M); «Ele está sentado estreme no chão» (1, SV); «Não te sentes estreme no chão molhado» (2, SV); «Aquele, coitada, está sentada no chão sem roupa» (3, SV); «Estás estreme no chão» (4, SV).

2. sem acompanhamento, sem mais nada. «Comer milho estreme» (4, F); «Ele comeu o pão estreme» (3, PS); «Tou a comer pão estreme» (6, PS); «Esta sopa tá estreme, não tem nada» (4, SC); «Eu vou comer batatas estreme, sem mais nada» (5, SV); «Tu comeste para o jantar semilhas estreme» (6, SV).

3. no limite. «Está estreme a cair» (3, F).

4. *n.m.* canto da sala. Em Santana, sem ocorrências de uso.

Obs. O vocábulo *estreme*, na sua aceção principal da Madeira, é mais preciso e expressivo do que a expressão *em contacto direto* do Português de referência. A forma *estreme*, com a variante *extreme*, na segunda aceção madeirense, aproxima-se do significado padrão “puro, sem mistura” e, nas aceções 3 e 4, parece significar o mesmo que *extremo*.

Os resultados quantitativos globais obtidos revelam que 16 (38%) dos inquiridos desconhecem o termo, embora seja utilizado por 24 (57%) dos informantes, apresentando variação semântica em grande parte dos concelhos.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	2 (5, 6)	4 (1-3,5,6)	0	2 (3, 5)	3 (1,3,5)	0	4 (1,2,3,4)	15 36%
diferente	2 (3, 4)	0	2 (3, 6)	1 (4)	2 (4, 6)	2 (3, 4)	2 (5, 6)	11 26%
utilizado	4 (3-6)	4 (1-3,5,6)	2 (3, 6)	3 (3-5)	5 (1,3-6)	0	6	24 57%
desconhecido	2 (1, 2)	2 (2, 4)	4 (1,2,4,5)	3 (1,2,6)	1 (2)	4 (1,2,5,6)	0	16 38%

Em *Na Madeira – Offerendas*, obra publicada em Lisboa em 1884, mais especificamente em «O rapazinho da Lombada», Mariana Xavier da Silva regista a fala da localidade da Lombada da Ponta do Sol, averbando a expressão *semilha extreme* “batata sem acompanhamento”.

Com. Do lat. EXTREMUS, A, UM “o mais exterior, o que está na extremidade, no limite máximo, último, derradeiro” (Houaiss). Será um regionalismo semântico madeirense na aceção de “contacto direto (com a pele ou com o chão)”. **Ext.** No TLPGP, «extreme, puro, sem misturas, Medeiros 1964, 154», em Penela (Portugal continental) e «batatas extremes = cozidas com sal, sem outro tempêro, Medeiros 1964, 154», S. Miguel (Açores), para comida e bebida, e «carne-estrema, carne sem osso, limpa, Oliveira 1966, 277», não dando conta da variante *estreme* e do seu significado específico na ilha da Madeira.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «muito puro, sem mistura, seletos» (Soares, 1914); «em contacto direto» (Caldeira 1961/1993, 60). Santos (2013, 62) regista a forma *a carão* com a aceção de «proteção, em contacto direto com o corpo», que os informantes indicam ser sinónimo de *estreme*. Em Barcelos (2016, 216), «diretamente; junto; em contacto direto».

FERROLHO *n.m.* (jogo) *n.m.* ANTIGO **1.** jogo de rapazes que consiste em colocar algo no meio para ser apanhado ou em atirar uma peça metálica para junto de um poste, ganhando quem fica mais próximo do poste. «Em criança joguei ao ferrolho» (4, F); «Jogava ao ferrolho, era um jogo de adivinhar quem é, com a cabeça entre as pernas» (3, CL); «O ferrolho era pôr o objeto no meio, numa roda de pessoas, dar a volta e apanhar» (4, CL); «Eu gostava de brincar ao ferrolho. Jogava ao ferrolho, era esconder-se e ver quem chegava primeiro ao local» (5, CL); «Vamos jogar ao ferrolho» (5, M); «Quando eu era pequeno, brincava ao ferrolho» (6, M); «Vou jogar ao ferrolho» (6, S); «Eu brincava ao ferrolho com os meus amigos» (6, SV).

2. jogo da apanhada. «Era jogar ao ferrolho» (1, M).

3. jogo das escondidas. «Eu gostava de brincar ao ferrolho» (4, M).

4. jogo do lenço. «Vamos brincar ao ferrolho» (1, SV).

Obs. *Ferrolho*, enquanto termo lúdico, será um arcaísmo conservado na Madeira, onde parece denominar diferentes tipos de jogos. Este termo também parece estar a cair em desuso, pelo facto de o seu referente praticamente já não existir, pois o nome *ferrolho* terá origem na peça metálica utilizada no jogo de rapazes, tendo posteriormente passado a denominar outros jogos como a *apanhada*, o jogo das escondidas e o do lenço. No Português de referência, *ferrolho* é a tranca de metal usada nas casas antigas e nos *palheiros*, aceção do termo que também é utilizada na Madeira.

Trata-se de um termo lúdico antigo, que, no entanto, ainda foi reconhecido por alguns informantes mais jovens. 24 (57%) dos inquiridos desconhecem o vocábulo e apenas 11 (26%) dizem ainda o utilizar. Os outros dão o significado padrão de tranca da porta de *palheiros* (estábulos de vacas) e de casas antigas.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	1 (4)	3 (3,4,5)	1 (4)	0	2 (5,6)	1 (6)	2 (3,6)	10 24%
diferente	0	0	0	0	2 (1,4)	0	1 (1)	3 7%
padrão	4 (2,3,5,6)	0	0	0	0	0	1 (5)	5 12%
utilizado	1 (4)	3 (3-5)	0	0	4 (1,4,5,6)	1 (6)	2 (1,6)	11 26%
desconhecido	1 (1)	3 (1,2,6)	5 (1-3,5,6)	6	2 (2,3)	5 (1-5)	2 (2,4)	24 57%

Com. Do lat. VERUCULUM, I “pequeno espeto”, tornado *FERRUCULU no lat. vulgar, por influência de *ferro* (Houaiss), atestando a aceção lúdica de “apanhada”. **Ext.**

No DRA, «imposto do ferrolho, derrame ou contribuição municipal direta; feira», com uma segunda aceção de «caravelho de pau (Baião)». Cf. Trás-os-Montes «tranca corrediça, geralmente de ferro, para abrir e fechar portas e janelas» (Barros 2002) e Alentejo «atilha e nó feitos do próprio cereal, com que os ceifeiros atam os molhos» (Barros 2005). No TLPGP, «ferrôlho, *apilhage*, Nunes 1965, 152». Parece tratar-se de um regionalismo semântico madeirense. No Esp. can. *ferrojo*, com o significado do Português padrão (cf. DHECan).

Em Figueiredo (1996), “tranqueta de ferro corrediça com que se fecham portas ou janelas”, com a forma composta *ferrolho-queimado*, “antigo jogo de rapazes”, também no Priberam. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «espécie de jogo» (Santos 1946, vol. X, nº 46, 26). Em Silva (1950), «braguilha das calças», por extensão semântica. Em Caldeira (1961/1993), a expressão *brincar ao ferrôlho* significa «tomar parte num jogo popular praticado ao ar livre especialmente por crianças». Para Nunes (1965, 152), *ferrôlho* é “*apilhage*”. Em Barcelos (2016, 225), tem ainda o sentido de “bigode”.

FORNICOQUE *n.m.* POPULAR **1.** ataque de nervos ou mal estar que provoca desmaio. «Está-m'a dar cá um fornicoque!» (1, F); «Está a dar-lhe um fornicoque» (2, F); «Diz-se ter um fornicoque» (3, F); «Deu-lhe um fornicoque, ela perdeu os sentidos» (4, F); «Deu-me um fornicoque» (5, Funchal); «Vai-me dar um fornicoque» (2, CL); «Deu-lhe um fornicoque» (3, CL); «Ela teve um fornicoque, foi um mal-estar repentino» (5, CL); «Deu-me um fornicoque, senti-me mal» (6, CL); «Vai-me dar um fornicoque» (5, M); «Aquele homem bebe muito, está a dar-lhe um fornicoque» (3, SV); «Está-te a dar um fornicoque?» (4, SV).

2. tique (por metonímia). «Aquele rapaz está com fornicoque» (6, S).

3. fome (por metonímia, como razão do sentir-se mal e desmaiar). Na Ponta do Sol, sem ocorrências de uso.

4. engano (emprego figurado). Na Ponta do Sol, sem ocorrências de uso.

5. inveja (emprego figurado). «Não gosto de ver fornicoque, não gosto que haja fornicoque» (5, Santana).

Obs. No Português standard, a principal aceção madeirense de *fornicoque* é expressa através do termo *chilique*, que também é conhecido e usado na Madeira como sinónimo de ‘fornicoque’. Quanto a este vocábulo, na norma padrão, existe no plural com a aceção de “impulso, desejo, tentação” e como populismo “cócegas”.

26 (62%) dos inquiridos desconhecem o vocábulo, sendo que 14 (33%) dizem utilizá-lo. 12 (28,5%) identificaram o termo na sua aceção principal, existindo alguma variação semântica no seu uso, por parte de 4 informantes (9,5%).

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	5 (1-5)	4 (2,3,5,6)	0	0	1 (5)	0	2 (3, 4)	12	28,5%
diferente	0	0	2 (4, 5)	0	0	2 (5, 6)	0	4	9,5%

Os inquiridos mais jovens do Funchal só identificam este vocábulo com os Horários do Funchal (empresa pública com este nome devido ao regionalismo que surgiu por analogia ou metonímia com os horários regulares dos transportes coletivos).

Com. Do lat. *HORARIUS*, A, UM “de uma hora” (Houaiss), com vários significados no Português de Portugal e no Português do Brasil, não indicando a aceção regional madeirense. **Ext.** No TLPGP, «horario ou calendario laboral, Regueira 1989» e ‘horário’, no Português Europeu, na ilha da Madeira, «Gonçalves 1956; camioneta de passageiros, Nunes 1965, 151; camioneta, Rezende 1961, 291».

Em Figueiredo (1996) e no DLPC, regionalismo da Madeira, com a aceção de “auto-carro ou camioneta”, tal como no Priberam. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «camioneta de passageiros ou carro de transporte coletivo de passageiros» (Rezende 1961; Caldeira 1961/1993, 75; Nunes 1965, 151; Figueiredo 2004/2011, 135; Teixeira 2015, 90; Barcelos 2016, 252).

IMPIDOSO *adj.* **RURAL 1.** muito difícil de satisfazer, muito exigente. «Deixa de ser tão impidoso!» (1, F); «Tem cuidado com ele, é todo impidoso» (3, F); «Ele é impidoso» (5, F); «Tás todo impidoso» (6, F); «Ela tá sempre a pôr defeitos e dificuldades nas coisas» (5, CL); «Ele é um bicho impidoso, é reles como fel» (1, M); «Ele é um impidoso!» (4, M); «É difícil viver com uma pessoa impidosa» (5, S); «Tu és muito impidoso!» (6, S); «Tu és uma impidosa, não gostas de nada!» (2, SV); «Vou bordar bordado Madeira e tenho de ser impidosa» (3, SV); «Este homem é impidoso» (4, SV); «És impidoso, não gostas de nada» (5, SV); «Rapariga, és impidosa, quem vai te aturar» (6, SV).

2. arrogante. «Ele é impidoso» (2, F).

3. com manias, esquisito, complicado, que está sempre a chatear os outros. «Ah, mas que impidosa!» (3, SC).

4. sensível (animado ou inanimado), suscetível (animado). «Aquela é uma impidosa, não se pode dizer nada» (5, SC); «Esta planta é muito impidosa» (5, M).

5. invejoso (por metonímia). «Ela é impidosa, tá sempre a desejar mal aos outros» (3, CL).

6. malandro (por metonímia). «Ele é impidoso para trabalhar» (6, M).

Obs. *Impidoso* poderá ser uma deturpação popular ou corruptela de *impiedoso*, ganhando um significado específico de “pessoa complicada ou arrogante”. Na Madeira, existe ainda o sinónimo *pitafento* (de pôr *pitafes* ou defeitos em tudo), conceito que, no Português standard, é designado por *exigente* e *embirrento*, termos que também são conhecidos e usados na Madeira, embora os vocábulos *impidoso* e *pitafento* sejam muito mais expressivos.

O número elevado de conhecimento e uso do vocábulo no Funchal deve-se, provavelmente, ao facto de muitos dos habitantes terem origem rural, dos diferentes concelhos da ilha. Termo que apresenta grande variação semântica, sendo desconhecido por 17 (40,5%) dos inquiridos, enquanto é conhecido e utilizado por 20 (47,5%) dos informantes.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	5 (1-3, 5, 6)	1 (5)	0	1 (3)	4 (1,2,3,4)	3 (3,5,6)	6	20 47,5%
diferente	0	1 (3)	1 (4)	1 (5)	2 (5, 6)	0	0	5 12%
utilizado	5 (1-3, 5, 6)	2 (3, 5)	0	2 (3, 5)	4 (1,4,5, 6)	2 (5, 6)	5 (2-6)	20 47,5%
desconhecido	1 (4)	4 (1,2,4,6)	5 (1-3,5,6)	4 (1,2,4,6)	0	3 (1,2,4)	0	17 40,5%

Com. O vocábulo não ocorre no Houaiss. Em Figueiredo (1996), adjetivo antigo, “que impede; que tem obstáculo; agastadiço”, do verbo *impedir*, do lat. IMPEDIRE “prender pelos pés, pear, embaraçar; não permitir; atalhar, interromper; proibir; obstruir”. **Ext.** No TLPGP, «impidoso, difícil de contentar, exigente, Macedo 1939, 62», exclusivo da Madeira.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, alguém «difícil de contentar, exigente. Termo muito empregado entre as bordadeiras, quando se referem ao patrão, se é exigente. Talvez corruptela de *impiedoso*, por síncope, no sentido de “não ter piedade, compaixão”» (Macedo 1939, 62). Em Barcelos (2016, 257), «irritável; sensível; suscetível de fácil alteração; que impide (impede)» e ainda «coisa de difícil resolução (de impedir)», palavra antiga que também é usada em certas regiões do Brasil com significados semelhantes.

MATINA *n.f.* ANTIGO **1.** primeira refeição da manhã. «Tenho que fazer a matina» (3, F); «Ele tomou a matina antes de sair» (4, F); «Vai tomar a matina» (6, F); «Vou tomar a matina» (4, CL); «Vamos comer a matina» (6, CL); «Já tomaste a matina?» (3, PS); «Está na hora da matina» (5, PS); «Vamos tomar a matina» (6, PS); «Levar a matina para o trabalho» (5, M); «Estou a fazer a matina» (6, M); «Eu comi a matina há pouco» (2, S); «Levanta-te para tomar a matina» (6, S); «Come a matina» (2, SV); «Vou tomar a matina antes de ir para o trabalho» (3, SV); «Vou tomar a matina logo pela manhã» (6, SV).

Obs. Na Madeira existem os sinónimos *quebrajejum*, com a variante *quebrajum*, e *mata-bicho* para denominar a primeira refeição da manhã ou *pequeno-almoço*, enquanto, no Português padrão, *matina* tem a aceção de “madrugada” ou, como adv., a de “de manhã bem cedo”.

Enquanto dialetalismo madeirense, o termo não apresenta variação semântica. Trata-se de um regionalismo semântico madeirense que se revelou desconhecido para 4 pessoas (9,5%), sendo que para outras 10 (24%) também é desconhecido enquanto regionalismo, na medida em que apenas apontam os seus significados padrão de “madrugada” e “de manhã cedo”.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	4 (3,4,5,6)	4 (3,4,5,6)	6	0	3 (4-6)	5 (1,3-6)	6	28	66,5%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
padrão	0	2 (1, 2)	0	4	3 (1-3)	1 (2)	0	10	24%
utilizado	3 (3, 4, 6)	2 (4, 6)	3 (3, 5, 6)	0	2 (5, 6)	2 (2, 6)	3 (2,3,6)	15	36%
desconhecido	2 (1, 2)	0	0	2 (1, 2)	0	0	0	4	9,5%

Com. Do lat. MATUTINA, de MATUTINUS, A, UM “relativo a manhã; matutino, matinal”, com hapl., prov. por infl. do fr. *matin* “manhã”, ou do provençal antigo *matinas* “ato de madrugar; madrugada” (Houaiss). **Ext.** No TLPGP, «matina, primeira refeição, pequeno-almoço, Macedo 1939, 66; pequeno-almoço, Nunes 1965, 154 e Rezende 1961, 296», vocábulo exclusivo da Madeira.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, *matina* «primeira refeição do dia, pequeno-almoço, quebrajum» e *matinada* «barulho» (Macedo 1939, 66; Santos 1946, vol. X, nº 48, 114; Silva 1950; Pereira 1951-1952, 243, informa que só no F e em SC é que não se emprega a palavra; Caldeira 1961/1993, 90; Nunes 1965, 154; Santos 2007, 393; Santos 2013, 105; Barcelos 2016, 292). Ver MATINAR.

MATINAR v. ANTIGO **1.** tomar a primeira refeição da manhã. «Antes de sair de casa tinha de matinar» (6, F); «Já matinei» (3, CL); «Hoje vamos matinar mais cedo» (5, CL); «Vou matinar que ainda estou em jejum» (3, PS); «Quando me levanto, gosto de matinar» (5, S); «Vou matinar à casa da minha tia» (2, SV); «Já matinaste?» (3, SV); «Vamos matinar» (4, SV); «Vem matinar para ires deitar comida ao boi» (5, SV).

Obs. Este conceito corresponde à expressão *tomar o pequeno-almoço* no Português de referência, enquanto *matinar* significa “acordar ou levantar-se cedo”, aceção também conhecida e usada na ilha da Madeira.

Apenas 4 (9,5%) inquiridos não conhecem o termo, enquanto 10 (24%) indicam o significado padrão de “acordar cedo, madrugar”, revelando desconhecer o regionalismo semântico madeirense, que é identificado por 28 (66,5%) dos informantes, sem variação de significado, sendo que 15 (36%) dizem utilizá-lo.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	4 (3,4,5,6)	4 (3,4,5,6)	6	0	3 (4-6)	5 (2-6)	6	28	66,5%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
padrão	0	2 (1, 2)	0	4 (3-6)	3 (1-3)	1 (1)	0	10	24%

utilizado	1 (6)	3 (3, 5, 6)	4 (1, 3, 5, 6)	0	0	2 (3, 5)	5 (1-5)	15	36%
desconhecido	2 (1, 2)	0	0	2 (1, 2)	0	0	0	4	9,5%

Com. De *matina* + *-ar* (Houaiss). **Ext.** No TLPGP, «matinar, cismar, magicar, preocupar-se com, Amorim 1971, 267» (em Baião); «insistir en una conversación o en una preocupación; estar pensando en cousas que non existen; estar diario co pensamento nunha cousa» (no Galego); «tomar a primeira refeição, Macedo 1939, 66». Como podemos ver, *matinar*, com o significado de “tomar o pequeno-almoço”, será provavelmente uma aceção antiga conservada na Madeira.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «tomar a primeira refeição, quebrajejum ou pequeno-almoço» (Macedo 1939, 66; Santos 1946, vol. X, nº 48, 114; Pereira 1951-1952, 243; Santos 2013, 106, também «comer alguma coisa, lanche»; Barcelos 2016, 292). Ver MATINA.

OLHO-DE-BOI *n.m.* USUAL **1.** lanterna a pilhas que veio substituir a lanterna a velas e de petróleo. «O olho-de-boi não tem pilhas» (1, F); «Passa-me o olho-de-boi que não vejo nada» (2, F); «Traz o olho-de-boi» (3, F); «Acende o olho-de-boi, está escuro» (4, F); «Vamos levar o olho-de-boi para o rali» (5, F); «O olho-de-boi tá na gaveta» (6, F); «Tá escuro, liga o olho-de-boi» (2, CL); «Empresta-me o olho-de-boi para eu ir para casa que a noite está escura» (3, CL); «Usei o olho-de-boi porque estava escuro» (4, CL); «Traz o olho-de-boi que hoje é a água de giro» (5, CL); «A luz do olho-de-boi alumia o caminho» (6, CL); «Tens um olho-de-boi?» (1, PS); «Acendi o olho-de-boi porque faltou a eletricidade» (3, PS); «Faltou a luz, traz o olho-de-boi» (4, PS); «Vai procurar o olho-de-boi» (5, PS); «Traz o olho-de-boi que tá escuro» (6, PS); «Vai buscar o olho-de-boi» (1, SC); «Está escuro, vai buscar o olho-de-boi» (2, SC); «Vamos levar o olho-de-boi para regar os poios» (3, SC); «Acende o olho-de-boi» (1, M); «Traz o olho-de-boi» (3, M); «Vai buscar o olho-de-boi» (4, M); «Traz-me o olho-de-boi» (5, M); «Vou buscar o olho-de-boi para alumiar o forno» (6, M); «Leva o olho-de-boi, senão não vais ver nada» (2, S); «Acende o olho-de-boi» (3, S); «Está escuro e esqueci-me do olho-de-boi» (4, S); «Quando falta a luz, uso o olho-de-boi» (5, S); «Vou ligar o olho-de-boi» (6, S); «Faltou a luz, traz o olho-de-boi» (1, SV); «Traz-me o olho-de-boi para caminhar a pé pelos túneis do calhau» (2, SV); «Vou levar este olho-de-boi» (3, SV); «Vai buscar o olho-de-boi» (4, SV); «Traz-me o olho-de-boi para eu ir regar a terra» (5, SV); «Vou levar o olho-de-boi à loja para enxergar as sementes» (6, SV).

Obs. No Português padrão, *olho-de-boi* significa «abertura num teto ou parede para deixar entrar a luz», enquanto a aceção madeirense é denominada pelo termo *lanterna*, que também é conhecido e usado na Madeira.

Regionalismo semântico madeirense muito usual ou corrente em todos os concelhos da ilha da Madeira e utilizado por todos os estratos socioculturais da população, sendo conhecido por 42 (100%) dos inquiridos, sem variação de significado, e usado por 35 (83%) dos informantes.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	6	6	6	6	42*	100%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
utilizado	6	5 (2-6)	5 (1, 3-6)	3 (1, 2, 3)	5 (1, 3-6)	5 (2-6)	6	35	83%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Com. De *olho + de + boi* (Houaiss). Parece ser claramente uma metáfora por transposição da entrada da luz num edifício para a luz da lanterna. **Ext.** No TLPGP apenas encontramos aceções de Portugal continental, dos Açores e do Nordeste do Brasil.

No Priberam, regionalismo madeirense, «lanterna portátil». Nos vocabulários e glossários madeirenses, «lanterna de mão, a pilhas» (Caldeira 1961/1993, 102; Nunes 1965, 147; Silva 1985/2013; Teixeira 2015, 93; Barcelos 2016, 316).

PAPIAR v. ANTIGO **1.** fazer barulho (falando do motor de um barco de pesca) (na zona piscatória de Câmara de Lobos). Sem ocorrência de conhecimento e de uso desta aceção nas localidades em estudo.

2. não saber falar bem, falar sem ser compreensível (por metáfora). «Estás sempre a *papilar*» (4, SC).

3. gaguejar (por metáfora). Na Ponta do Sol, sem ocorrências de uso.

4. mentir, dizer mentiras (emprego figurado). «Ele está sempre a papiar» (4, M).

5. p.p.-adj. **papiado, -a** muito longo, enrolado (por metáfora). «Vê, tu estás a fazer uma conversa *papiada* à vizinha» (3, SV).

6. mastigar (por metáfora). «Os idosos estão sempre a papiar» (5, S).

7. queixar-se ou lamentar-se (por metáfora). «Rapariga, estás sempre a papiar» (5, SV).

Obs. Será forma antiga ou variante de *papear*, tendo revelado grande variação semântica enquanto dialetalismo madeirense, nomeadamente com as aceções de “não saber falar bem”, “mentir”, “fazer uma conversa longa”, “mastigar” e “queixar-se”, com o sinónimo regional *cramar*, que serão regionalismos semânticos madeirenses. Chamamos a atenção para o facto de, no concelho de Câmara de Lobos, os inquéritos terem sido aplicados no Estreito de Câmara de Lobos (zona agrícola) e não na referida zona piscatória, onde anteriormente foi recolhida a aceção principal do termo como “barulho do motor do barco de pesca”, explicando por que nenhum dos informantes a identificou. Em Machico, o emprego figurado de “mentir, dizer mentiras” faz juz ao dito popular: «quem muito fala muito mente ou pouco acerta». Em Santana, a aceção de “mastigar” pertence ao campo semântico de /comer/. Registámos as formas *papilar* e *papiada*, respetivamente em Santa Cruz, “falar sem ser compreensível” e em S. Vicente “conversa papiada, longa e enrolada”, revelando produtividade e vitalidade lexical. Já tínhamos documentado a forma *papilar* na vila de Câmara de Lobos, como alcunha de uma mulher que não sabia falar bem e falava muito.

O vocábulo foi identificado por 12 (28,5%) dos inquiridos como *papear*, com o significado padrão de “falar muito, tagarelar”, sendo que 7 (16,5%) dos inquiridos indicaram significados diferentes que terão surgido por analogia com a aceção principal ou com o significado padrão.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
diferente	0	0	2 (3, 6)	1 (4)	1 (4)	1 (5)	2 (3, 5)	7	16,5%
padrão	1 (2)	5 (1-3,5,6)	1 (1)	3 (3, 5, 6)	0	0	2 (2, 4)	12	28,5%
utilizado	0	0	0	1 (4)	1 (4)	1 (5)	2 (3, 5)	5	12%
desconhecido	5 (1, 3-6)	1 (4)	3 (2, 4, 5)	2 (1, 2)	5 (1-3,5,6)	5 (1-4, 6)	2 (1, 6)	23	55%

Embora o termo também exista no Português padrão, com a aceção de “conversar, falar muito ou tagarelar”, na ilha da Madeira, mais precisamente em Câmara de Lobos, encontramos, na voz dos pescadores, o verbo *papiar* com o sentido de “barulho do motor do barco de pesca” e como infinitivo substantivado “alguém que fala muito”, “que não sabe falar” e/ou que “mente”. Decidimos incluí-lo nos inquéritos realizados nos vários concelhos, para aferir a sua vitalidade e variação semântica.

Com. No Houaiss, *papiar*, «palavra obsoleta para “conversar, falar (com); falar o patoá [‘crioulo antigo’]”, etimologia crioulo de Macau (‘papiamento’ ou ‘papeamento’, língua crioula de base espanhola, com antigas influências do Português e modernas do Holandês, falada nas Antilhas Holandesas, com etimologia do espanhol *papiamento* “id.”, do espanhol antigo *papear* “falar confusamente”», e *papear* “conversar, falar muito, chilrear, com etimologia de *papo* + *-ear*”. **Ext.** No DRA, *papiar* “fallar”, no Português de Ceilão, remetendo para o francês antigo *papier* (“bégayer, balbutier”) e provençal *papiejar*. No TLPGP, Castrol 2010, *papear* “comer”, usado no Galego, em Campo Lameiro, assim como no DBHC (2010, 92).

Em Figueiredo (1996), *papear* “falar muito; chilrear”, mas também antigo regionalismo, “mover os beiços como quem reza ou fala só para si”, e “falar baixo, cochichar”. No DLPC e no Priberam, *papiar* do crioulo macaense, “falar com alguém; dizer alguma coisa”, sendo alteração de *papear* “conversar, falar; falar muito = papaguear, tagarelar; chilrear”.

PASSADA *n.f.* USUAL **1.** degrau de um caminho ou de uma escada. «Olha as passadas!» (1, F); «Tanta passada para subir!» (2, F); «Sobe a passada» (3, F); «Tem cuidado com as passadas» (5, F); «Ajuda-me a subir a passada» (6, F); «Senta-te na passada» (2, CL); «Cuidado com a passada» (3, CL); «Aqueles passadas são altas» (4, CL); «Descer as passadas da igreja» (5, CL); «As passadas da casa estão encardidas» (6, CL); «A minha casa tem muitas passadas» (3, PS); «Vamos subir as passadas» (5, Ponta do Sol); «Sobe as passadas» (1, SC); «Caí na passada» (2, SC); «Senta-te nas passadas» (3, Santa Cruz); «Vais descer as passadas?» (4, SC); «Cuidado para não caíres na

passada» (5, SC); «Vou-me sentar nesta passada» (6, SC); «Cuidado para não tropeçares na passada» (1, M); «Vai devagar nas passadas!» (2, M); «Desce as passadas depressa» (3, M); «Tem cuidado com a passada» (4, M); «Olha a passada, sobe a passada!» (5, M); «Temos de subir muitas passadas» (6, M); «Cuidado para não tropeçares na passada» (2, S); «Sobe aquelas passadas» (3, S); «Esta passada é muito alta» (5, S); «Vou subir aquela passada» (6, S); «Tenho de subir aquelas passadas todas» (1, SV); «Vou descer as passadas» (3, SV); «Sobe a passada» (4, SV); «Estou a ver esta passada enorme» (5, SV); «Caí na passada de calçada portuguesa» (6, SV).

2. caminho pedonal (por metonímia). «Seguir por uma passada» (4, F).

3. pequeno salto (emprego figurado). «Olha, dá uma passada, que aí tem cocó de gato» (2, SV).

Obs. Este regionalismo semântico madeirense parece ter adquirido a aceção regional por metonímia com o ‘passo’ que é necessário para subir um degrau. No Português de referência, a principal aceção madeirense de *passada* é denominada pelo termo *degrau*, que também é utilizado na Madeira, enquanto o vocábulo *passada* significa «passo, passagem, extensão de uma passada». No plural, a palavra *passadas* tem a aceção madeirense de “escadas”.

Termo usual em todos os concelhos, com dados quantitativos globais de 39 (93%) de conhecimento da principal aceção regional, apresentando alguma variação semântica, designadamente no Funchal («caminho pedonal») e em S. Vicente («pequeno salto»). 35 (83%) dos inquiridos dizem usar o vocábulo.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	5 (1-3,5,6)	6	5 (1,3-6)	6	6	6	5 (1,3-6)	39 93%
diferente	1 (4)	0	0	0	0	0	1 (2)	2 5%
utilizado	6	5 (2-6)	2 (3,5)	6	6	4 (2,3,5,6)	6	35 83%
desconhecido	0	0	1 (2)	0	0	0	0	1 2%

Com. No Houaiss, feminino substantivado do participio do verbo *passar*. **Ext.** No DRA, em *passada*, Leite de Vasconcelos apenas escreve «vid. Escada», mas nesta entrada lexical não regista qualquer informação que explicita o significado regional do vocábulo *passada*. Nos Açores, “degrau no interior do poço batido” (Barcelos 2008). No TLPGP, também «passada, degrau no interior do poço batido, BaptistaF 1970, 646» (Faial, Açores) e «distância de um passo, que se costuma medir para plantar qualquer novidade, Costa 1961, 267» (Loures, Portugal continental), não documentando a aceção madeirense de “degrau”, no plural *passadas* “escada(s)”.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «degrau, cada uma das partes de uma escada» e, no plural, *passadas* “escada(s)” (Pereira 1951-1951, 248; Pestana 1970; Figueiredo 2004/2011; Barcelos 2016, 325).

POIO *n.m.* USUAL **1.** pedaço de terra destinado à agricultura, geralmente suportado por muros de pedra, nas encostas das montanhas. «É preciso cavar o poio para plantar as sementes» (1, F); «O poio é grande» (2, F); «É preciso limpar o poio» (3, F); «Tenho um poio de bananeiras» (4, F); «Vou fazer um rego no poio» (5, F); «Vamos cultivar o lanço do poio» (6, F); «Vai cavar o poio» (2, Câmara de Lobos); «Vai trabalhar para o poio» (3, CL); «Já cavei o poio todo» (4, CL); «Vai ao poio buscar couves» (5, CL); «Tenho um poio de batatas» (6, CL); «Tenho de ir ao poio plantar alfaces» (1, PS); «Estou aqui no poio» (2, PS); «Ele plantou couves no poio» (3, PS); «Vou plantar o poio» (4, PS); «Pega na enxada e vai cavar o poio» (5, PS); «Vou cavar o poio» (6, PS); «Vamos cavar o poio» (1, SC); «Mas que lindo poio de sementes!» (2, SC); «Vamos para o poio apanhar couves» (3, SC); «Cavar um poio» (4, SC); «Vou cavar o poio» (5, SC); «Estive a cavar naquele poio» (6, SC); «Aqueles poios estão todos regados» (1, M); «O poio tem couves» (2, M); «Vou ao poio buscar couves» (3 e 5, M); «Eu cavei os poios» (4, M); «Tenho de cavar o poio» (6, M); «Na minha zona existem poios pequenos» (5, S); «Vou tirar um poio de sementes» (6, S); «Vou ao poio buscar couves para a sopa» (1, SV); «Vai cavar o poio» (2, SV); «Vou plantar feijão neste poio» (3, SV); «Vou cavar o poio» (4, SV); «Estou a cavar este poio de terra para plantar feijão» (5, SV); «Vou cultivar couves neste pequeno poio» (6, SV).

Obs. Em Santana, *eito* é sinónimo de *poio* e, no Funchal, *lanço* é sinónimo de *corte* “uma parte do poio”. No Português standard, *poio* tem as aceções de “poial, monte, outeiro, montão de excrementos”, enquanto o conceito madeirense é designado por *socalco*, palavra que não é utilizada na Madeira.

Este é um dos vocábulos com maior vitalidade e, conseqüentemente, mais usuais ou correntes no Português falado no Arquipélago da Madeira, por isso praticamente todos os inquiridos o reconhecem com a aceção de “horta, fazenda, terreno (de cultivo)” ou “fazenda, pedaço de terra para cultivar” e “pequeno pedaço de terreno (com paredes de pedra)”. Trata-se de um termo muito frequente nos diferentes concelhos da ilha da Madeira, com exceção de Santana, onde os locais utilizam mais o termo *eito* para denominar o mesmo conceito, sendo também um regionalismo semântico madeirense. Os dados quantitativos globais mostram que 39 (93%) dos inquiridos conhecem o vocábulo, que não apresenta variação de significado, e é utilizado por 37 (88%) dos informantes.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	6	6	3 (2, 4, 5)	6	39	93%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
utilizado	6	5 (2-6)	6	6	6	2 (5, 6)	6	37	88%
desconhecido	0	0	0	0	0	3*(1, 3, 6)	0	3	7%

O termo madeirense tem um sentido específico ligado à geografia agrícola da ilha, que é a cultura em socalcos (cf. Almeida 2002, 17). Por via erudita, *pódio* é utilizado no domínio desportivo.

Com. Do lat. *PODIUM* “muro baixo que circundava a arena dos anfiteatros sobre o qual se colocavam vários tipos de assentos”, sinónimo de *poial* (Houaiss). **Ext.** No

DRA, *póio* «plano nos fragaredos das arribas (TM, R.L., V, 101)» e *poios* «poios de granito (Serra da Estrela)». No TLPGP, *poio* é «penedia, Buescu 1961, 320» e «pessoa indolente, Buescu 1961, 336» em Idanha-a-Nova. Na ilha da Madeira, «pedaço de terreno cultivado, Macedo 1939, 68 e Nunes 1965, 121»; em S. Jorge (Açores), «aglomeração basáltica nas rochas, Mendonça 1962, 258». Barcelos (2016, 343) refere a ocorrência da palavra na zona Sul da ilha das Flores (Açores), com o mesmo significado da Madeira.

No DLPC, “nome que designa os socalcos escavados das encostas”, aceção madeirense, e no Priberam “porção plana de terreno numa encosta, sustida por um muro = socalco”. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «pedaço de terreno cultivado, pequeno trato de terra» (Macedo 1939, 68; Silva 1950; Pereira 1951-1952, 251; Rezende 1961; Nunes 1965, 121). Em Barcelos (2016, 343), também chamado *terraço*.

RETOIÇA *n.f.* **RURAL 1.** brincadeira, diversão, farra. «Aquela rapariga está sempre na retoiça» (1, F); «Isto é que é uma retoiça!» (2, F); «Queres é retoiça!» (3 e 5, F); «Passou o dia na retoiça» (4, F); «Estás sempre na retoiça» (6, F); «Já me cansei da retoiça» (2, CL); «Vocês estão sempre na retoiça» (5, CL); «Tás sempre na retoiça» (6, CL); «Aqueles dois é só retoiça» (1, PS); «Estão sempre na retoiça» (2, PS); «Vou para a retoiça» (3, PS); «Vocês querem é retoiça!» (4, PS); «Os rapazes andam na retoiça» (5, PS); «Eles tiveram toda a noite a *retoïçar*» (6, PS); «Andaste na retoiça toda a noite» (2, SC); «Andámos na retoiça» (3, SC); «Vamos *retoïçar!*» (4, SC); «Vocês só querem retoiça: os garotos de hoje em dia só sabem andar na retoiça» (6, SC); «Esta canalha só quer estar na retoiça!» (1, M); «Eles só sabem andar na retoiça!» (2, M); «Vocês vão ficar aí na retoiça toda a noite?» (3, M); «Vamos para a retoiça» (4, M); «Vocês não fazem outra coisa senão *retoïçar*» (6, M); «Eles passaram o dia na retoiça» (3, S); «Eles andam no *retoïço*» (4, S); «Já vais para o *retoïço!*» (5, S); «Andas sempre na retoiça» (6, S); «As crianças andam na retoiça» (1, SV); «Eu andava pela vizinhança na retoiça com os meus amigos» (2, SV); «Vamos para a retoiça!» (4, SV); «Tu *retoïças* muito!» (6, SV).

2. gozo com alguém, troça, chacota (por metonímia). «Eles estão sempre na retoiça, a gozar de mim» (4, CL).

3. malandrice, preguiça, descanso, facto de não fazer nada (emprego figurado). «Ele tá sempre na retoiça, não quer fazer nada» (3, CL); «Vocês estão na retoiça e não trabalham!» (1, SC); «Deixa-te de retoiça!» (5, SC); «Ajuda-me, não estejas na retoiça!» (5, M); «Não faço nada, estou sempre na retoiça!» (3, SV); «Rapariga, estás sempre na retoiça e não fazes nada» (5, SV).

Obs. A aceção regional madeirense foi reconhecida por muitos informantes, ao contrário do esperado. Revelou-se abrangente por significar “brincadeira” em geral e não só de crianças, ganhando novos significados como “gozo com alguém” e “malandrice”. A aceção de “gozo com alguém” parece surgir no sentido de *caçoar* ou *brincar* porque «a brincar se dizem as verdades». Quatro informantes indicaram a forma verbal *retoïçar* em vez do nome *retoïça*, relevando a sua vitalidade. Em Santana, dois inquiridos atestaram a forma masculina *retoïço* por *retoïça* para denominar o mesmo conceito. No Português de referência, *retoïça* é o mesmo que *retouça*, «corda suspensa pelas duas extremidades ou assento suspenso por cordas para servir de

baloço; ato ou efeito de retouçar» (Houaiss), enquanto a principal aceção madeirense é designada por *farra, pândega*.

Termo usual nos vários concelhos, sendo identificado por 32 (76%) dos inquiridos com a aceção principal de “diversão, farra, pândega”, sendo que 7 (17%) dos informantes revelam outras aceções, tais como “troça, chacota” e “malandrice, perguixa”. 39 (93%) dos inquiridos dizem usar este dialetalismo semântico madeirense.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	6	3 (2, 5, 6)	6	4 (2,3,4,6)	5 (1-4, 6)	4 (3-6)	4 (1,2,4,6)	32 76%
diferente	0	2 (3, 4)	0	2 (1, 5)	1 (5)	0	2 (3, 5)	7 17%
utilizado	6	5 (2-6)	6	6	6	4 (3-6)	6	39 93%
desconhecido	0	1 (1)	0	0	0	2 (1, 2)	0	3 7%

Na obra *Na Madeira – Offerendas*, em «O rapazinho da Lombada», Silva (1884) releva algumas características regionais e populares do Português falado na ilha, documentando a forma verbal *retoçar* com o significado de “brincar”.

Com. *Retoça* ou *retouça* “balouço” ou “baloço”, com etimologia regressiva de *retouçar* ou *retoçar* “balançar-se na retouça; redoiçar, redouçar; brincar executando movimentos, como saltar, correr, rolar pelo chão”, provavelmente do espanhol *retozar* (1335) “saltar e brincar; traquinar”, derivado do espanhol antigo *tozo* (1220-50), “burla”, de origem duvidosa (Houaiss). **Ext.** Cf. Trás-os-Montes *retoço* “vida de vadio, vadiagem, vadio” (Barros 2002). No TLPGP, *retouça* «brincadeira ruidosa e turbulenta, Buescu 1961, 338», em Idanha-a-Nova, de *retouçar* «brincar, Buescu 1961, 338». Em Bragança, *retouçar* é «saltar (só referente aos animais), Teixeira 1947, 137».

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «brincadeira alegre, grande balbúrdia, paródia» (Santos 1947, nº 55, vol. XI, 178; Silva 1950, também «repreensão áspera e ofensiva», aceção que não encontramos junto dos nossos informantes; Pereira 1951-1952, 255; Barcelos 2016, 367).

SEMILHA *n.f.* USUAL **1.** batata comum que se distingue da batata-doce. «Estava a pensar fazer um puré, mas não tenho semilhas suficientes» (1, F); «Esta semilha é boa!» (2, F); «Vou plantar semilha» (3, F); «Estas semilhas são muito boas!» (4, F); «Eu gosto de semilha cozida» (5, F); «Come mais uma semilha» (6, F); «Vou descascar semilha» (1, CL); «Vou comprar semilhas» (2, CL); «Vamos plantar semilhas» (3, CL); «Comi um prato de semilhas» (4, CL); «Vai à loja buscar semilhas para a sopa» (5, CL); «Vou cavar semilhas» (6, CL); «Tenho de fazer peixe com semilhas» (1, PS); «Já comi a semilha frita» (2, PS); «Coze semilhas com batatas» (3, PS); «Comi semilhas ao almoço» (4, PS); «Vou fazer sopa, deixa-me deitar umas semilhinhas» (5, PS); «Vou fazer umas semilhas para o almoço» (6, PS); «Come a semilha» (1, SC); «Vou comer semilhas» (2, SC); «Vamos cavar as semilhas» (3, SC); «Vamos comer semilhas com bacalhau» (4, SC); «Plantei semilhas» (5, SC); «Vamos plantar semilha» (6, SC); «A semilha está boa para plantar» (1, M); «Não gosto de semilhas!» (2, M); «Vai descascar as semilhas» (3, M); «Vou cavar as semilhas» (4, M); «Vou cascar semilhas»

para a sopa» (5, M); «As sementes estão para tirar» (6, M); «Outra vez semente!» (1, S); «Vai-se comer sementes para a ceia» (2, S); «Queres mais sementes ou batatas?» (3, S); «Vai deitar remédio nas sementes» (4, S); «Gosto de comer sementes com bacalhau» (5, S); «Vou tirar sementes da loja para a ceia» (6, S); «Vou cozer sementes com bacalhau» (1, SV); «Tou comprando sementes» (2, SV); «Tou cascando a semente para fazer uma sopa» (3, SV); «Vou comer uma semente» (4, SV); «Vem comer as sementes guisadas com carne» (5, SV); «Vou buscar as sementes para fazer o almoço» (6, SV).

Obs. A palavra *semente* é exclusiva da Madeira, sendo denominada *batata* no Português de referência. Embora o termo padrão também seja utilizado na Madeira, sobretudo na expressão *batata frita*, geralmente, é reservado para designar a batata-doce.

Trata-se de um dos regionalismos madeirenses com maior vitalidade, usado com orgulho, por ser uma das principais marcas identitárias dos madeirenses em outras regiões do país. Assim, é um dos termos mais usuais, com 100% de conhecimento e uso, não apresentando variação semântica, o que revela bem a frequência e vitalidade deste regionalismo lexical madeirense.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	6	6	6	6	42	100%
diferente	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
utilizado	6	6	6	6	6	6	6	42	100%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Silva (1978 [1921]) diz-nos que o termo *semente* provém do espanhol *semilla* (“semente”), «palavra escrita numa etiqueta que acompanhou os primeiros tubérculos que vieram para esta ilha, importados das Canárias, e que foi tomada aqui como o nome da planta [por volta de 1760]».

Com. Ø Houaiss. **Ext.** No TLPGP, «batata, Macedo 1939, 71», «batata comum, Nunes 1965, 127» e «batata, Rezende 1961, 306», sendo um vocábulo exclusivo da Madeira.

Em Figueiredo (1996), no DLPC e no Priberam, “nome que na Madeira se dá à batata” e *semilheira* “batateira”, regionalismo lexical madeirense. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «batata», mas também «pancada com a mão» (Macedo 1939, 71; Santos 1947, nº 55, vol. XI, 179, indica que, em 1947, o termo é usado por cultos e incultos e que a designação *batata*, «sem mais apelativo», significa “batata-doce”; Silva e Sousa 1950; Pereira 1951-1952, 259; Rezende 1961; Caldeira 1961/1993; Nunes 1965, 127; Pestana 1970; Barcelos 2016, 380). *Semilheira*, *semilhal*, *semilhedo*, *semilhio*; *pé-de-semente*; *semente-branca*, *semente-vermelha*, etc.

TANARIFA *n.f.* ANTIGO 1. legume que é uma espécie de abóbora verde, usado para comer cozido, acompanhando as sementes e batatas, e para fazer sopa. «Esta tanarifa é boa» (3, F); «Gosto de sopa de tanarifa» (5, F); «Deitei a tanarifa na sopa» (1, CL); «Eu faço sopa de tanarifa» (3, CL); «Este ano tenho muitas tanarifas» (5, CL); «As

tanarifas, abóbora moiras, este ano deu muito» (6, CL); «Esta tanarifa é saborosa!» (2, PS); «A minha mãe faz sopa de tanarifa todas as semanas» (3, PS); «Faz-se sopa de tanarifa ou abóbora moira» (5, PS); «Vai apanhar uma tanarifa no ribeiro pa ceia» (6, PS); «Aquele tanarifa é mesmo grande!» (4, SC); «Vou cascar as tanarifas para fazer o jantar» (3, SV); «Vou fazer uma sopa de tanarifa com carne de porco» (5, SV); «Estou partindo tanarifa para deitar aos porcos» (6, SV).

2. bananeira (por metonímia). «Já regaste as tanarifas?» (5, SC).

3. chuchu, *pempinela* (por metonímia). «Tenho tanarifas para vender!» (6, F).

Obs. Em Câmara de Lobos, os informantes indicam como sinónimo *abóbora moira* ou *moura*, enquanto em Santa Cruz as mulheres adulta e idosa a designam como *abóbora brava*. Termo exclusivo da Madeira que é denominado *moganga* ou *boganga* no Português de referência, vocábulo também usado na Madeira com o mesmo significado.

Termo antigo e rural mais conhecido na Ponta do Sol, que revelou ainda ser conhecido no Funchal, em Câmara de Lobos, em Santa Cruz e em S. Vicente, sendo totalmente desconhecido em Machico e em Santana. Com 17 (40%) dos inquiridos que identificaram a aceção principal ou original do vocábulo, dois informantes forneceram outras aceções, nomeadamente «bananeira» e «chuchu (pempinela)», respetivamente em Santa Cruz e no Funchal. 16 (38%) dos inquiridos deram ocorrências de uso do termo, relevando alguma vitalidade, embora 23 (55%) dos informantes o desconheçam completamente.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total %
igual	2 (3, 5)	5 (1, 3-6)	6	1 (4)	0	0	3 (3, 5, 6)	17 40%
diferente	1 (6)	0	0	1 (5)	0	0	0	2 5%
utilizado	3 (3, 5, 6)	4 (1, 3, 5, 6)	4 (2, 3, 5, 6)	2 (4, 5)	0	0	3 (3, 5, 6)	16 38%
desconhecido	3 (1, 2, 4)	1 (2)	0	4 (1, 2, 3, 6)	6	6	3 (1, 2, 4)	23 55%

Vocábulo regional da Madeira, que parece ser muito antigo, tendo origem nas Canárias, como possível alteração fonética do nome da ilha de Tenerife, donde terá sido importado o legume. É também denominado *abóbora moura*, provavelmente, pelo facto histórico de este legume ter sido introduzido na ilha da Madeira pelos ganches ou mouros das Canárias, no início do seu povoamento.

Com. Ø Houaiss. **Ext.** No TLPGP, «tanarifa, boganga, Nunes 1965, 126», termo exclusivo da Madeira.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, *tanarifa* com a variante *tenerifa* «boganga ou moganga, fruto da bogangueira, espécie de abóbora, também chamada abóbora de Tenerife» (Macedo 1939, 41; Silva 1950; Pereira 1951-1952, 261, regista *tanarifeira* como nome da planta que dá as mogangas; Nunes 1965, 125; Figueiredo 2004/2011, 162; Barcelos 2016, 392). No concelho da Calheta, Teixeira (2015, 97) recolheu a designação *abóbora moira* como sinónimo de *tanarifa*, assim como *abóbora branca*

Com. Do lat. *TERRARIUM* (Houaiss), não registando as aceções madeirenses, apenas os significados no Português Europeu e no Brasil, onde, entre outros valores semânticos, denomina um “pequeno quintal de terra batida diante das residências populares do interior”, tal como na Madeira. **Ext.** Cf. Açores *terreiro* «largo; praça de uma povoação; centro da casa onde se dançam os balhes populares; diz-se de qualquer lugar cujo pavimento é de terra» (Barcelos 2008). Cf. Alentejo «terra cavada e aliçada, debaixo das oliveiras, para facilitar a apanha (Aljustrel)» (Barros 2005). No TLPGP, «quintal, Rezende 1961, 307»; «piso de tierras (Cast.), Taboada 1971, 54», na Galiza; «pedaço de terra batida para a tosquia das ovelhas, Mousa 1960, 203», em Sernancelhe, e «térreo, Carvalho 1974, 580», em Mêda (Portugal continental). No Esp. can. *terrero* é um «trozo de terreno llano y sin piedras, usado habitualmente para bailar, practicar la lucha canaria o el juego del palo» (cf. DHECan), provavelmente deve o seu semantismo à Língua Portuguesa.

Em Figueiredo (1996), «espaço de terra, plano e largo; praça; terraço; lugar ao ar livre, onde há folgedos ou cantos ao desafio». No DLPC e no Priberam, «espaço descoberto, contíguo a uma habitação ou na frente desta», que, na Madeira, é o «chão em frente da casa ou quintal, coberto ou descoberto». Nos vocabulários e glosários madeirenses, «quintal» (Rezende 1961). Silva (1985/2013) regista a expressão *tirar alguém a terreiro* como «desafiar alguém». Em Barcelos (2016, 397), «quintal de uma casa e redil circular feito com pedra solta, antigamente destinado a manter as ovelhas para serem tosquiadas e marcadas com sinal nas orelhas, também chamado *arrumo e cerco*».

TRATUÁRIO *n.m.* POPULAR **1.** caminho na berma da estrada para os peões. «Anda para cima do tratúário» (1, F); «Sobe o tratúário» (2, F); «Cuidado com o tratúário» (3, F); «Este tratúário é largo» (4, F); «Vai para o tratúário por causa dos carros» (5, F); «Os peões circulam no tratúário» (6, F); «Não vais aí na estrada, passa para o tratúário» (1, CL); «Sobe para o tratúário» (2, CL); «O tratúário está sujo» (3, CL); «O tratúário desta rua é estreito» (4, CL); «Esta estrada não tem tratúário» (5, CL); «Anda no tratúário» (6, CL); «Sobe para cima do tratúário» (1, PS); «Este tratúário está todo torto» (2, PS); «As crianças vão no tratúário» (3, PS); «Vão pelo tratúário» (4, PS); «Passa para o tratúário» (5, PS); «Vai no tratúário» (6, PS); «Devemos andar sempre no tratúário» (1, SC); «Não andes no meio da estrada, vai para o tratúário» (2, SC); «Ele anda sempre no tratúário» (4, SC); «Aquele tratúário está sujo» (5, SC); «Vai no tratúário, por causa dos carros» (6, SC); «Cuidado com o tratúário» (1, M); «Cuidado com os carros, vai para o tratúário» (2, M); «Tá um carro em cima do tratúário» (3, M); «Segue pelo tratúário» (4, M); «Vai pelo tratúário» (5, M); «O pneu bateu no tratúário» (6, M); «É mais seguro andar no tratúário» (1, S); «Cuidado com os carros, vai no tratúário!» (2, S); «Vai em cima do tratúário» (3, S); «Vais bater contra o tratúário!» (4, S); «Vai para o tratúário que vem carros!» (5, S); «Ajuda-me a subir para o tratúário» (6, S); «O tratúário desta rua está sujo» (1, SV); «Estou andando a pé no tratúário para ir à vila» (2, SV); «Estou caminhando pelo tratúário» (3, SV); «Sobe para o tratúário» (4, SV); «Estou no tratúário à espera da carrinha pa ir ao centro paroquial» (5, SV); «Estou no tratúário à espera do horário do Funchal» (6, SV).

2. degrau de madeira onde os alunos ficavam de castigo na escola primária (por metáfora). «Sobe para o tratúário, estás de castigo!» (3, SC).

Obs. O termo *tratuário*, com a aceção de “espaço destinado aos peões na berma da estrada”, parece ser exclusivo da Madeira. No Português standard, o mesmo conceito é designado por *passeio*. Uma das razões da grande divulgação na Madeira do empréstimo *tratuário*, com as suas variantes, *trotoário* e *troitoário*, terá sido o facto de o vocábulo *passeio* ser polissémico, significando também “o ato de passear”. No entanto, atualmente, há tendência para a generalização do uso da palavra padrão *passeio* e muitos jovens já desconhecem o regionalismo madeirense. Quando dizemos que *tratuário* tem a aceção de “passeio”, eles sugerem: «Professora, vamos fazer um *tratuário*» e temos de explicar que se trata do “ândito” e não de “(dar um) passeio”.

Vocábulo muito usual, como podemos ver, nos vários concelhos, com 100% de ocorrências de uso e 98% de identificação da aceção principal. Apenas a mulher adulta do concelho de Santa Cruz, que tem como profissão ser auxiliar de educação numa escola primária, referiu outra aceção para este termo: “degrau de madeira onde os alunos ficavam de castigo na escola primária”.

Significado	F	CL	PS	SC	M	S	SV	Total	%
igual	6	6	6	5(1,2,4-6)	6	6	6	41	98%
diferente	0	0	0	1 (3)	0	0	0	1	2%
utilizado	6	6	6	6	6	6	6	42	100%
desconhecido	0	0	0	0	0	0	0	0	0%

Com. Ø Houaiss. Do francês trottoir “calçada”.

O DLPC averba a forma francesa *trottoir*, remetendo para *passeio*, mas nesta entrada lexical não faz referência ao regionalismo madeirense. No Priberam, *tratuário* é um dialetalismo da Madeira, com o significado popular de “passeio”. Apesar da classificação do termo como populismo, ainda não existem estudos sociolinguísticos suficientemente alargados que o comprovem. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «passeio existente nas artérias», aceção documentada por Caldeira (1961/1993) para a forma *tróituário*, que supõe ser derivada do francês *tróitoir* [sic]. Pestana (1970), em vez de *trotoário*, anota como entrada lexical *passeio*, afirmando ser «o que no Continente se chama *trottoir*». Parece ter ocorrido aqui uma confusão porque no restante território português este conceito é denominado *passeio*. O autor indica ser um registo anterior a 1925. Em Figueiredo (2004/2011), «parte destinada aos peões na berma da estrada, passeio». Barcelos (2016, 404) também atesta a forma *tratoário* como regionalismo madeirense para «calçada da rua; passeio».

O pequeno glossário que aqui apresentamos mostra-nos bem que há ainda muito trabalho a fazer, não só na Madeira, mas em todas as regiões de Portugal, para podermos conhecer de forma exaustiva a lexicografia regional, dialetal ou diferencial portuguesa, as suas variantes lexicais e as diferentes aceções semânticas dos vocábulos, assim como a sua distribuição geográfica.

O levantamento exaustivo que está a ser feito pelo grupo do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, iniciado pelo Professor Lindley Cintra nos anos 70, pela imensidade de dados a tratar, ainda não está concluído, sendo um instrumento muito importante para podermos comparar as diferentes variedades geográficas do país. Além deste atlas nacional, que permite o estudo comparativo entre as diferentes regiões de Portugal e da Galiza, faltam atlas regionais que possam dar conta também das realidades linguísticas e culturais específicas de cada uma das regiões. Este estudo é apenas um pequeno contributo e incentivo para esse trabalho a realizar, sobre a geografia e a história desse património linguístico e sociocultural, de forma a obtermos um dicionário dos regionalismos de Portugal e da Galiza.

Os resultados obtidos, nos inquéritos semântico-lexicais realizados na cidade do Funchal e em várias áreas rurais da ilha da Madeira, permitem-nos observar que os vocábulos mais conhecidos em todas as áreas geográficas (rurais e urbana) e por todos os estratos sociais, independentemente do género, idade ou escolaridade, são: *apilhagem, apilhar, baboseira, carrolaço, charola, corsa/corça, horário, olho-de-boi, passada, poio, retoíça, semilha, terreiro e tratuário/trotoário*. Muitos destes termos revelam bem a riqueza da expressividade e criatividade popular madeirense, designadamente *baboseira, horário, olho-de-boi, passada, retoíça, terreiro*, a maior parte deles por metáfora ou metonímia, enquanto outros são empréstimos como *semilha* (do espanhol) e *tratuário* ou *trotoário* (do francês), adotados também pela sua expressividade, como a palavra *semilha* para *batata*, reservando este termo para *batata-doce* e *tratuário* para *passeio*, reservando este nome para o “ato de passear”. Dos termos estudados, estes são, sem dúvida, os que apresentam maior vitalidade no Português falado na ilha da Madeira. Em contrapartida, os regionalismos madeirenses menos conhecidos que parecem estar a cair em desuso, sobretudo junto das gerações mais jovens e no meio urbano, tornando-se arcaísmos ou ruralismos, são: *apastorar, arrejeiras/regeiras, carreteira, embeijado, estreme, ferrolho, fornicoque, impidoso, matina, matinar* (estes dois últimos vocábulos são conhecidos e utilizados sobretudo nas zonas noroeste e oeste da ilha da Madeira), *papiar/papear* e *tanarifa*. Apesar de muitos destes termos terem origem rural (por estarem relacionados com a terra), é interessante verificar a sua vitalidade na cidade do Funchal, como são os casos de: *brighalhó, charola, corça/corsa, olho-de-boi, poio, semilha* e *terreiro*. Alguns são nomes de jogos, atividades lúdicas ou brincadeiras, por exemplo: *apilhagem, apilhar* e *retoíça*. A maior parte dos vocábulos estudados fazem parte da vida do quotidiano: *impidoso, embeijado, carrolaço, arrejeiras/regeiras, baboseira, estreme, fornicoque, horário, olho-de-boi, papiar/papear, passada, terreiro* e *tratuário*.

Entre estes, há termos que não se encontram registados nos vocabulários e glossários madeirenses, por exemplo: *papiar* e *carreteira*.

A produtividade e a vitalidade atual de termos como *charola* (“armação coberta de produtos agrícolas, transportada num pau aos ombros por dois homens, um à frente e outro atrás, que é oferecida pelos paroquianos no Natal, assim como na visita do Espírito Santo e nas romarias dos sítios, nas festas religiosas da paróquia, sendo geralmente as oferendas arrematadas para o dinheiro reverter para a igreja”) podem ser explicadas pelo facto de o seu referente estar cada vez mais presente nas festas realizadas no âmbito do turismo cultural, sobretudo no centro da cidade do Funchal. Pois, graças ao turismo, que procura a genuidade das tradições locais, e à maior consciência da importância das culturas regionais, usa-se cada vez mais a tradição popular das *charolas* (por exemplo, com flores na festa da flor e com uvas na festa do vinho), contribuindo para a valorização da identidade cultural madeirense, tendo mesmo originado recentemente o surgimento de uma loja com produtos regionais e ‘gourmet’ numa zona turística do Funchal, assim como no Mercado dos Lavradores, local muito visitado por turistas, com o nome *Charola*.

O fator diatópico mostrou-se relevante, sobretudo no caso dos termos mais antigos, que são arcaísmos ou ruralismos, por oposição aos mais usuais ou correntes. Os fatores de variação social, pelo contrário, não se mostraram tão relevantes como seria de esperar, não havendo grandes diferenças entre os falantes dos dois géneros, embora, pela descrição dos dados feita no glossário para cada uma das palavras, possamos aferir que as mulheres, por regra, tendem a ser mais conservadoras, nas áreas rurais, sobretudo quando se trata dos arcaísmos ou vocábulos que tendem a cair em desuso, como é o caso bem elucidativo de *ferrolho* (jogo) e de *estreme*. No que diz respeito às diferentes faixas etárias e aos diferentes níveis de escolaridade, não podemos deixar de notar algumas diferenças, mais uma vez em relação aos termos mais antigos, mas sobretudo na zona urbana. Pois, nas zonas rurais, não existe grande distinção entre o conhecimento dos regionalismos madeirenses por parte dos jovens, dos adultos e dos idosos, talvez pelo facto de haver maior contacto intergeracional, nomeadamente dos mais jovens com os mais velhos (mais isolados e menos escolarizados), conservando a realidade rural desta herança linguística e cultural. Estes dados revelam bem a complexidade deste tipo de estudo que tem em conta o tratamento de variáveis geográficas e socio-culturais, contribuindo para o conhecimento do Português falado na ilha da Madeira, sem deixar de o confrontar com outras regiões de Portugal, do Brasil, da Galiza e das Canárias, devido às fortes ligações histórico-geográficas e linguístico-culturais entre os dois arquipélagos de Portugal e de Espanha.

Usados sobretudo em situações de comunicação oral e familiar relacionadas com as tradições locais, regionais e populares, os regionalismos ou o léxico diferencial suscita cada vez mais interesse por parte de especialistas e não especialistas, como por exemplo de jornalistas, de escritores e de linguistas. Face à globalização económica e consequente massificação sociocultural, a afirmação das culturas regionais e locais parece cada vez mais forte e os regionalismos tendem a ser cada vez mais divulgados como elementos da sua identidade linguística e cultural. Deste modo, o estudo dos regionalismos madeirenses é inseparável do conhecimento da cultura, da história, da etnografia, da economia e da sociedade regional madeirense, a chamada “regionalidade” ou “madeirensidade”.

Universidade da Madeira UMa-CIERL
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Naidea NUNES

4. Referências bibliográficas

- Álvarez, Rosario (coord.), *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, <<http://ilg.usc.es/Tesouro>>.
- Barcelos, J. M. Soares de, 2008. *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as Ilhas*, Coimbra, Almedina.
- Barcelos, J. M. Soares de, 2016. *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura.
- Barros, V. Fernando / Guerreiro, Lourivaldo Martins, 2005. *Dicionário de Falares do Alentejo*, Porto, Campo das Letras.
- Barros, V. Fernando, 2002. *Dicionário dos falares de Trás-os-Montes*, Porto, Campo das Letras.
- Caldeira, A. Marques, 1993 [1961]. *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense*, 2ª edição, Funchal, Eco do Funchal.
- Corbella, Dolores, 2016. «La selección de canarismos del DRAE», *RLiR* 80, 101-160.
- Corrales, Cristóbal / Corbella, Dolores, 2013. *Diccionario Histórico del Español de Canarias*, 2 vol., 2ª edición ampliada, La Laguna, Instituto de Estudios Canarios.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates, 2005.
- Dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa*, <<https://www.priberam.pt/DLPO/>>.

- DRA = *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), <<http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf>>.
- Figueiredo, A. Cristina, 2004. *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, dissertação na área da Dialetologia Portuguesa sob a orientação do Professor Doutor João Malaca Casteleiro, apresentada à Universidade da Madeira.
- Figueiredo, A. Cristina, 2011. *Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)*, Lisboa, Fonte da Palavra.
- Figueiredo, Cândido de, 1996. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols., 25ª edição, Venda Nova, Bertrand Editora.
- Labov, William, 1972, *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Macedo, D. Bela de, 1939. *Subsídios para o estudo do dialeto madeirense*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Nunes, J. da Cruz, 1965. *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar*, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Nunes, N. Nunes, 2014. «Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal», *Confluência* 46, 335-370.
- Pereira, M. C. Noronha, 1951-1952. *Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Porto da Cruz, Visconde do, 1934. *Trovas e cantigas madeirenses*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia.
- Rezende, Maria Angela Leotte, 1961. «Glossário», *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo Etnográfico e Linguístico*, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, Emanuel, 1920. «Palavras do Arquipélago da Madeira», *Revista Lusitana* 23/1-4, 131-137.
- Ribeiro, Emanuel, 1929. *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Porto, Manarus.
- Santos, Jaime Vieira dos, 1945. «Vocabulário do Dialecto Madeirense. Compilado por Jaime Vieira dos Santos», *Revista de Portugal* 3/37 (1945), 61-64; 8/39 (1945), 145-149; 8/40 (1946), 208-211; 9/41 (1946), 44-47; 9/44 (1946), 204-207; 10/46 (1946), 26-29; 10/47 (1946), 68-71; 10/48 (1946), 113-116; 11/52 (1947), 64-67; 11/55 (1947), 177-180; 12/58 (1947), 80-83.
- Santos, M. F. Silva, 2013. «Glossário», *À Luz das Palavras Quase Esquecidas. Contributo para o Estudo dos Regionalismos na Ponta do Sol*, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, 60-125.
- Santos, T. Proença dos, 2007. «Glossário», *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a Narrativa e as suas (Re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês). D'Ilhéus à Canga, D'Horácio*

- Bento de Gouveia: Le récit et ses (re)écritures (avec une proposition d'édition critique et génétique et avec une traduction partielle du roman en français)*, vol. 1, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Madeira, 367-406.
- Silva, A. R. Marques da, 2013 [1985]. «Vocabulário», *Linguagem Popular da Madeira*, Governo Regional da Madeira, DRAC, 99-109.
- Silva, Mariana Xavier da, 1884. *Na Madeira – Offerendas*, Lisboa, Livraria Ferreira.
- Silva, F. Augusto da, 1950. *Vocabulário Popular da Madeira. Alguns subsídios para o seu estudo*, Funchal, Junta Geral do Funchal.
- Silva, F. Augusto da / Meneses, C. Azevedo de, 1978 [1921]. *Elucidário Madeirense*, 3 vols, Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- Soares, Urbano Canuto, 1914. «Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira», *Revista Lusitana* 17, 135-158.
- Sousa, Luís de, 1950. *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*, Funchal, Casa Figueira Tipografia.
- Teixeira, C. S. Nunes, 2015. *Calheta e Funchal. Estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos)*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, apresentada à Universidade da Madeira.
- Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, Instituto da Língua Galega, <<http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/>>.

